



SALVE-SE

QUEM PUDER...



Projeto  
Passo Fundo  
Apoio à cultura

Sani Vidal

Mais uma vida se inicia, veio fazer parte do clã de “criaturas” daquela casa. Porém, o erro foi chegar sem aviso prévio e reclamar, aos berros e muito choro seu lugar e principalmente a atenção de uma das mães. Por isso, sem dúvida, deveria ser eliminada. Assim, a sétima criatura enfrentou seu primeiro desafio, seu assassinato. Simples, indolor e sem barulho, a forma encontrada foi encher seus orifícios do rosto com massa de pão. Vencida essa batalha, fui aceita no clã.

A pacata vila de Boa Esperança nos abrigou e nos deu a oportunidade de vivenciarmos as mais divertidas traquinagens. Porém, para que nada ocorresse e se transformasse em tragédia, pedimos a Deus, mais do que um anjo da guarda e chegamos a um consenso, como gatos sete vidas seria um número razoável para sairmos vivos, no mínimo.

Creio que para muitos será uma volta divertida à infância.

Boa Leitura.

Sani Vidal

SALVE-SE  
QUEM PUDE...



Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura

2013

Projeto Passo Fundo

Página na internet: [www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)

e-mail para contato: [projetopassofundo@gmail.com](mailto:projetopassofundo@gmail.com)

Disponível no formato eletrônico /E-book.

1ª Edição 2013 - 1ª Reimpressão Novembro 2017

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

**Creative Commons Atribuição-Compartilhaqual 3,0 Nao Adaptada.**

Para ver uma cópia desta licença, visite:

[creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt](http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt) BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Revisado pela autora: 10/12/2013

Capa: "Acalanto" entalhe de Rosani Vidal

V649s Vidal, Rosani

Salve-se quem puder... [recurso eletrônico] /  
Rosani Vidal. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo,  
2013.

E-book (formato PDF).

ISBN 978-85-8326-048-6

Modo de acesso: World Wide Web:  
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Narrativa. I. Título.

CDU: 869.0(81)-3

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

## Agradecimentos

Aos meus pais, Evaldo e Armilda Lermen, aos tios Alípio e Anita Delavald, e às sete criaturas: Auri e Nubia - meus irmãos, Vanda, Nice, Nilvo, Irno e Giovane - meus primos. Entre estes, muitos já não convivem mais conosco, mas neste livro estão tão presentes, como se realmente ainda aqui, neste plano terreno, estivessem para temperarem muitas passagens que teriam mais sabor.

Agradeço, em especial, a minha filha, Marina Lermenn Vidal, e ao meu marido, Sebastião M. G. Vidal F<sup>o</sup>, pelas inúmeras vezes que solicitei suas opiniões e que gentilmente me atenderam.

Obrigada aos professores Valmor Fontana e Martin Peruzzo, que me receberam e me indicaram como fonte de pesquisa o livro do padre Darcy Zanolla Raízes e história de uma comunidade.



# Sumário

|   |    |
|---|----|
| Manifesto /                                     | 11 |
| Apresentação: <i>Salve-se quem puder</i> /      | 13 |
| CAPÍTULO 1                                      |    |
| A primeira concorrência /                       | 15 |
| CAPÍTULO 2                                      |    |
| As criaturas de boa esperança /                 | 17 |
| CAPÍTULO 3                                      |    |
| A “venda” e a captação de clientes /            | 20 |
| CAPÍTULO 4                                      |    |
| A invenção! Gasosa de xixi /                    | 22 |
| CAPÍTULO 5                                      |    |
| As criaturas e suas profissões /                | 25 |
| CAPÍTULO 6                                      |    |
| O porão dos medos, prazeres e dos “ovos-bala” / | 28 |
| CAPÍTULO 7                                      |    |
| As criaturas e suas armas /                     | 31 |
| CAPÍTULO 8                                      |    |
| A descoberta do fogo /                          | 32 |
| CAPÍTULO 9                                      |    |
| Os reis “magros” e a resina “mirraculosa” /     | 34 |
| CAPÍTULO 10                                     |    |
| Cine “te vê” /                                  | 37 |
| CAPÍTULO 11                                     |    |
| Patente, “a casa mata” /                        | 38 |

CAPÍTULO 12

O “pintão” da eva / 40

CAPÍTULO 13

O poder do ohhhh!!!! / 42

CAPÍTULO 14

A guerra das bolitas / 45

CAPÍTULO 15

Ferida cabeluda, prego na cabeça e *piercing*  
na narina / 48

CAPÍTULO 16

Gastronomia perigosa / 51

CAPÍTULO 17

O clã do sr. armando x o clã das criaturas / 55

CAPÍTULO 18

Meu jacaré / 58

CAPÍTULO 19

O mestre / 62

CAPÍTULO 20

Planejar tentar capotar / 65

CAPÍTULO 21

Criação de girinos / 68

CAPÍTULO 22

A comilança do  
“corpo e sangue de cristo” / 70

CAPÍTULO 23

Avó maria a mãe de açúcar / 77

CAPITULO 24

O namorado do contra / 79





|   |  |
|---|--|
| CAPÍTULO 25                                 |  |
| “Torpeidos” / 83                            |  |
| CAPÍTULO 26                                 |  |
| A saga! a “viaje” a três de maio / 85       |  |
| CAPÍTULO 27                                 |  |
| O abraço que afaga a memória / 89           |  |
| CAPÍTULO 28                                 |  |
| O “pão” que era “pom” / 92                  |  |
| CAPÍTULO 29                                 |  |
| Escola Santa Inês / 95                      |  |
| CAPÍTULO 30                                 |  |
| Os pretendentes / 98                        |  |
| CAPÍTULO 31                                 |  |
| O dono da “pelada” / 100                    |  |
| CAPÍTULO 32                                 |  |
| O peixe no leite / 103                      |  |
| CAPÍTULO 33                                 |  |
| A chave mágica - fiat lux / 106             |  |
| CAPÍTULO 34                                 |  |
| Nespereira, o nicho das carpideiras / 109   |  |
| CAPÍTULO 35                                 |  |
| A catapulta e a bomba voadora / 111         |  |
| CAPÍTULO 36                                 |  |
| A corrida com os<br>carrinhos de bebê / 113 |  |
| CAPÍTULO 37                                 |  |
| Titi, berico, dodí / 115                    |  |



CAPÍTULO 38

O primeiro sutiã, impossível esquecer / 117

CAPÍTULO 39

“Para não dizer que não falei de flores” / 119

CAPÍTULO 40

A dor da perda / 123

CAPÍTULO 41

Sentimentos atávicos / 125



# Manifesto

**É** dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público, assegurar com absoluta prioridade a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. Isso é o que diz o Artigo 4º do ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente.

Gostaria que todos os indivíduos tivessem essa proteção e a oportunidade de ter uma infância plena e feliz.

Ao escrever este livro, o objetivo foi mostrar que cada período de nossas vidas tem momentos, pessoas e situações que deixam marcas no coração, no físico e na mente.

Analisando o nosso cotidiano, as nossas favelas, o artigo do estatuto acima se tornava uma constante em minha mente, e o objetivo deste não é fazer uma crítica social e sim desejar que todos possam usufruir de uma infância como nós tivemos.



## Apresentação: *Salve-se quem puder*

**É** do senso comum que a expressão, para haver uma realização pessoal perfeita, há que se ter realizado três feitos: gerado um(a) filho(a), plantado uma árvore e publicado um livro. Sob esta ótica, a autora Sani Vidal, com a publicação da autobiografia *Salve-se quem puder*, alcança o desejo natural de poucos compatriotas, ainda mais num país em que, segundo a pesquisa Retrato da Leitura no Brasil, os brasileiros estão lendo menos, tanto que os considerados leitores caiu de 95,6 milhões (55% da população estimada), em 2007, para 88,2 milhões (50%), em 2011. Outro dado mostra que só 26% dos brasileiros entre 15 e 64 anos encontram-se no nível pleno de alfabetização, isto é, têm condições de ler e compreender integralmente um texto longo.

Não é possível pensar que exista um país, com o crescimento nosso, que possua uma taxa de 70% de analfabetos funcionais. Sendo tão poucos os competentes leitores brasileiros, menos ainda são seus escritores. Nesta lógica, Sani Vidal, ao publicar a obra *Salve-se quem puder*, salvou-se, duplamente, como leitora e como escritora.

Escrevendo na forma de confissão, a autora estabelece uma viagem espaço-temporal à medida que fixa a década de 60, do século XX, para viajar mentalmente em busca dos fios da memória, os quais vão desde a infância até os primeiros sinais da adolescência. Sob o ponto de vista espacial, as narrativas mostram que os fatos desta imbricada teia, deram-se, preferencialmente, em

dois espaços: Cruzeiro do Sul/RS e Água Santa/RS. A primeira situada numa região de forte colonização germânica; a segunda, onde a presença da colonização italiana é acentuada. Trafegando entre os dois espaços, a garota peralta percebe que há uma diversidade cultural acentuada, não só em termos de linguística, mas na culinária e na religiosidade. A regra era “vigiar e punir” as crianças, sendo os adultos os grandes bisbilhoteiros de suas traquinagens, tanto que a autora recorda a leitura do romance *Tambores Silenciosos*, de Josué Guimarães, associando seu tempo de infância aos “tempos bicudos” em que brasileiros eram vigiados e amordaçados.

A exemplo da boneca Emília, do escritor Monteiro Lobato, a menina enfrenta todas as adversidades com senso de humor, ironia e crítica a um tempo em que o moralismo e o autoritarismo contra as crianças era flagrante. Não é por nada que a autora, no Prefácio, evoca o Estatuto da Criança e do Adolescente. Assim, à medida que a narradora de si mesma seleciona e conta as histórias e vividas com certo grau de fidelidade, ela pratica, humoristicamente, a catarse, confessando aos leitores as peripécias de uma menina que, agora adulta, salva-se como Sherazade, das *Mil e Uma Noites*. Por isso, o acerto no título *Salve-se quem Puder*. Boa leitura, leitor(a)!

Eládio Vilmar Weschenfelder  
prof. de Literatura na UPF



# CAPÍTULO 1

---

## A primeira concorrência

**E**ste livro baseia-se em fatos reais e muitos, à medida que foram contados, de alguma forma, se modificaram, pois quem conta um conto aumenta um ponto.

Nascer é um ato complexo. Primeiro ocorre uma pequena inundação, e uma corrida acirrada tem início. Em um túnel estreito, com milhões de gametas iguais, cada um tenta chegar ao seu destino. O instinto é um só: nadar o mais rápido possível para atingir o alvo. De repente, bem na sua frente, eis que surge, magnífico e imenso, contra o seu tamanho, o óvulo! Milhões de caudas, agitadas freneticamente ao mesmo tempo para o mergulho, e o objetivo é atingido. Consegue vencer a primeira barreira e penetrar no interior! É o vencedor! O escolhido para vir ao mundo. Mas antes existe um tempo de desenvolvimento que dura, normalmente, nove meses. Uns cumprem o tempo, porém no meu caso havia pressa em conhecer o mundo. Então, aos oito meses e cansada de ficar naquela posição, decidi que havia chegado a hora. Assim, outra luta teve início, pela sobrevivência. UTIS neonatais até existiam, mas não em Cruzeiro do Sul. Fui batizada às pressas, pois não sobreviver depois de toda aquela espera e ainda ir parar no limbo... Nãoooo! Aos poucos a vida me foi permitida, e lá estava eu. Para alguns, vinha disputar espaço e atenção, para outros seria mais uma criatura a fazer parte do clã.

Como intrusa, alguma coisa deveria ser feita. Rapidamente um plano estratégico foi elaborado pelo meu irmão Auri. O primeiro de muitos que deveriam ser enfrentados, nada menos que um assassinato: o meu! A ideia era fácil e objetiva. Pegando as



pernas e girando o corpo, a cabeça, poderia encontrar um obstáculo no caminho, um poste, uma cadeira, ou quem sabe, qualquer coisa onde pudesse bater. Poderia ser bem devagar ou bem ligeiro. O importante era não sentir dor. A ideia foi abandonada e, se não desse certo, o choro iria acontecer, e se não conseguisse, a cabeça poderia ficar roxa para sempre. Outra ideia foi tomando forma, a morte por asfixia. Essa sim, bem mais simples e silenciosa. Bastava encher os orifícios do rosto com massa de pão, assim não haveria respiração, entre outros, de muitos planos que não me foram contados.





## CAPÍTULO 2

### As criaturas de boa esperança

**E**ra a sétima criatura de oito, e vinha para fazer parte muito ativa daquele grupo. A oitava chegaria alguns meses depois, nosso primo Giovane.

Morávamos no interior. O nome da localidade era bastante sugestivo: Boa Esperança. Esperança em todos os sentidos, inclusive no de sobreviver a todas as aventuras em que nos metíamos. Naquele local, muitas coisas havia para ser exploradas, transformadas e vivenciadas, com toda a curiosidade, criatividade e irresponsabilidade típica de uma infância plena e feliz.

O quartel general era a casa onde as nossas duas famílias moravam: nossos pais, irmão, irmã, eu e nossos tios, com duas primas e três primos. Ainda fazia parte da família uma senhora que morava conosco chamada Elvira, que ajudava a nos cuidar e contribuir para todo e qualquer serviço da casa. Tirando os adultos, ficávamos nós, as oito criaturas.

A casa era em estilo enxaimel, e a área de descanso era separada por um corredor coberto, da área de serviço. Na parte íntima da casa, havia um longo corredor que dava acesso aos quartos. O primeiro era dos nossos pais, depois havia uma sala, que tinha uma mesa com cadeiras forradas com veludo vermelho, nas quais ninguém podia sentar, e uma cristaleira repleta de lembranças e relíquias proibidas. Esse cômodo era aberto só para visitas muito importantes, que raramente vinham. Também, existia outra sala de entrada, com uma escadaria que saía em frente ao armazém. Era a sala do barbeiro. Continuando, no corredor havia os outros quartos e, bem ao fundo, havia o quartinho da bagunça. Tudo que não prestava parava nele. Neste, havia



uma janela que dava para um telhado, que era explorado para inúmeras aventuras, quando os adultos não estavam por perto. Havia a recomendação das criaturas maiores de só pisarmos no final das telhas, porque ali passava o ripado, em que elas se encaixavam. Assim, não haveria perigo de a telha quebrar e, consequentemente, derrubar os exploradores.

A área de serviço compreendia uma cozinha com um fogão à lenha bastante grande, onde era feita a nossa comida. Acoplado a ele, havia uma caldeira, que aquecia água para lavar a louça. Havia armários, prateleiras, painéis para guardar as louças e panelas e uma mesa onde a família jantava. Havia também outra sala de refeições, com uma mesa enorme. Nela cabiam umas vinte pessoas. Ali era servido o almoço, hora da confraternização, com todos os presentes, nossa grande família e todos os que trabalhavam conosco. Essa parte da casa, à noite, tornava-se uma espécie de cinema. Ainda havia uma área de serviço, onde a louça era lavada, e um local que chamávamos de quartinho, que era escuro, sem aberturas e de chão batido. Ali, se guardavam as carnes, principalmente de porco, que ficavam enterradas em latões de banha para conservação, já que nessa época ainda não tínhamos geladeira. Havia também uma área coberta, onde existiam duas cisternas para captação de água. Lembro que, quando chovia, as calhas drenavam a água do enorme telhado para dentro das cisternas. A primeira chuva era descartada. Segundo meu pai, primeiramente a água deveria lavar o zinco, para depois desviar as calhas para as cisternas. Assim, a água vinha limpa. Bem em frente, havia um forno à lenha para fazer pão, roscas de polvilho, cucas, bolachas, batatas doces assadas, bolinhos de carne e galinhas recheadas. Um grande espaço coberto separava as duas construções. Para que a água da chuva não o invadisse, foi feito um dreno, mais comumente chamado de valeta. Era coberto, porém continha uma abertura para a entrada da água. Ali moravam vários sapos que, ao entardecer, vinham se juntar à família, mas eram repelidos por todos, com tanto asco e medo,



que acabavam na condição de vítimas refugiadas para que algo pior não lhes acontecesse. Nesse espaço ainda havia um banheiro com um chuveiro, cuja torneira dava choques na hora em que era tocada. Assim, o banho, que já não era muito assíduo, era recusado com muitos argumentos. Então, vinha outra ordem: “Já lavar os pés”. A bacia de zinco, própria para esse fim, passava por todos, quase sempre sem troca de água.

Saindo da sala de jantar, encontravam-se as escadas que nos levavam a um enorme salão, onde aconteciam bailes; em baixo dele, havia um porão. Ainda existia um armazém que denominávamos de “Venda”, uma fábrica de erva-mate, uma pocilga, aviário, potreiro, galpão com seleiro, matadouro, açougue, fiabreria e um imenso pátio, com muitas árvores, entre outros que serão lembrados no decorrer da história.

Na casa, ficávamos o suficiente para o fator denominado sobrevivência, ou seja, o tempo necessário para comer, dormir, lavar os pés, todos os dias, tomar banho umas três vezes por semana, sobretudo aos sábados, e sob forte supervisão. Ainda ali fazíamos os temas, que considerávamos uma obrigação nada agradável.

Os locais que mais despertavam a nossa curiosidade, que chegava a ser obsessiva, eram o porão escuro, grande e frio, e a fábrica de erva-mate. Os outros faziam parte natural do dia a dia.



## CAPÍTULO 3

---

### A “venda” e a captação de clientes

A “Venda”, única na região, era um armazém que comercializava de tudo um pouco: medicamentos, como Alicura, Melhoral, Fontol, Melagrião, Sonrisal, Bálsamo Alemão, Emulsão Scott, Sal Amargo e o melhor de todos: Biotônico Fontoura. Tinha também gêneros alimentícios, como feijão, arroz, farinhas, entre outros, que ficavam soltos em tulhas e eram vendidos a granel, embrulhados em papel pardo. Ainda, tecidos em metro e cortes finos da Casa das Sedas, meias francesas, que tinham que ser usadas com cintas ligas. As mulheres econômicas compravam elásticos em metro e faziam as suas. Não sabiam elas o fetiche que uma cinta dessas causa. Sabonetes Quatro Estações, com um forte cheiro de cravo. Doces como balas, gomas de mascar, com a marca Chiclete, bolachas, do tipo Maria, que vinham em latas grandes e eram vendidas em quilo. Havia tamancos de madeira, que faziam um barulho agradável quando usados e, é claro, toda linha para a lavoura.

Na “Venda”, havia um telefone, que servia a todos, mas só usado em casos de emergência: algum familiar a distância a ser avisado de algo ou ainda numa urgência médica. O “aparelho”, como era chamado, era afixado na parede. Tinha um bocal onde se falava, e uma manivela para fazer a chamada, um fio ligado numa espécie de cone, no qual se encostava o ouvido. Quando era feita uma ligação, caía numa central telefônica em Cruzeiro do Sul e então era solicitado o número ao qual você queria ser



conectado. O telefone atraía pessoas de várias localidades e, já que estavam ali, aproveitavam para fazer suas compras.

A segunda aquisição foi um rádio, que igualmente foi parar na “Venda”. Com ele ouviam-se as notícias, principalmente na Guaíba e o *Repórter Esso* da Farroupilha. Ao ser ligado, precisava de um tempo para aquecer os transistores e só então começava-se a ouvir a voz do locutor, primeiro um sussurro, que, gradativamente aumentava de volume, e a regulagem era feita até atingir o tom ideal. Para desligar, a mesma coisa: girava-se o botão, ouvia-se o clique, porém a voz continuava por alguns segundos e aos poucos, ia ficando fraca até silenciar.

A fábrica de erva-mate era outro lugar que gostávamos de frequentar, com seus muitos túneis, lugares escuros e cheiros intensos, montes de folhas, fogo, engrenagens, correias e os pilões com o retumbar constante, mágico e assustador. Uma luz fraca projetava na parede formas bruxuleantes, que lembravam gigantes mexendo os braços, para cima e para baixo, sem parar. As máquinas, além de triturarem as folhas, podiam transformar-se em seres mágicos, tipo bruxos, que vinham para castigar aqueles que haviam praticado algo não muito lícito.

Esse local será revisitado com a vinda da família do senhor Armando.



# CAPÍTULO 4

## A invenção! Gasosa de xixi

O Salão de Baile, creio, tenha contribuído muito para o aumento populacional da época. Era também a forma de moços e moças se conhecerem e casarem. Assim, o baile tinha sua função social. A organização dos “eventos” dava muita trabalhadeira, mas no final das contas valia a pena. Era pura diversão e acabava numa bela festa. Para avisar a população que iria haver festança, à tarde, de tempo em tempo largavam uma bateria de foguetes. Não gostávamos muito daquela barulheira e quase imitávamos os cachorros, que corriam para dentro de casa em busca de proteção. Os coitados passavam por nós em tal velocidade que tínhamos de nos cuidar para não sermos derrubados. Tanto é que, quando começava o foguetório, já nos colávamos à parede, para dar lugar àquela correria desenfreada. O lugar escolhido ficava em baixo das camas. Escadas eram levadas para dentro do salão, e a decoração tinha início. Muito papel crepom, que era preso dos lados até o centro, onde ficava o arremate, com uma penca de papel enroladinho, caído. Folhas de coqueiros eram colocadas nos cantos e arrematadas com topes do mesmo papel. No chão era espalhada parafina. Parafina? Sua utilidade só podia ser compreendida com toda a destreza pelos “pés de valsa ou polka”. Era uma festa, na qual muitos dançavam e outros tomavam muita cerveja, o que acabava em bexigas repletas e banheiros escassos. Havia um só e servia às damas e cavalheiros.

Nossa atenção se voltava aos tomadores de cerveja. Aos poucos ia ocorrendo uma transformação em sua postura que nos colocava em prontidão. As pernas vagarosamente se flexiona-



vam, a estatura diminuía, o ser ia ficando menor, a bunda ficava numa posição como se tivessem retirado uma cadeira e acabava ficando mais perto dos calcanhares e, ao final do processo, as pernas estavam em formato de X. Este era o sinal para correrem, em debandada, para trás dos arbustos e ficar esperando, bem quietos, a primeira vítima. Ouvidos atentos em absoluto silêncio. Pronto, o andar rápido denunciava o ato que ia ter início. Mãos frenéticas, reco (este era o nome dado ao zíper na época) abrindo, algumas palavras como: abreee, anda, annnda e algumas coisas sem nexos em meio a gemidos e suspiros de alívio. Ufa! Vinha quentinho! Espumando! E com mais interjeições de alívio. Então, entrávamos em cena, com gritos de arrepiar a nuca e causar estragos. O xixi, como todos sabem, depois que inicia, não é bem assim para interromper, e, sem dúvida alguma, ia deixando as suas marcas nas calças. Vitória! Mais um mijado!

Sorratamente voltávamos ao salão e o melhor era olhar o após. Casacos eram tirados e colocados nos braços, de forma a tapar a frente das calças, durante um bom tempo. Outros sentavam e puxavam a mesa tão para cima das pernas que quase sufocavam. Porém, uns eram mais espertos. Sentavam e, “sem querer”, derramavam um copo de cerveja nas calças, terminando assim com o problema.

O salão era uma grande construção. A parte onde se dançava, ficava num plano inferior e logo após a subida das escadas, havia um balcão de atendimento e perto ficavam dispostas as mesas e cadeiras para as pessoas sentarem. As moças, por sua vez, ficavam esperando os rapazes tirá-las para dançar. Mesmo que não gostassem do pretendente, eram obrigadas a dançar no mínimo uma “marca”. Então, de forma educada, pediam para sentar. A palavra usada na época para a negação da dança era “carão”. Ainda havia o espaço para o palco onde se apresentava a orquestra. Nas copas ficavam as bebidas, os caixas e uns tanques feitos em cimento onde se guardavam as barras de gelo, que eram bastante grandes e vinham envoltas em serragem para



não derreterem. Depois eram quebradas e a cerveja colocada ali dentro para gelar.

Essas copas também serviram para muitas brincadeiras, principalmente quando o negócio era tomar Biotônico Fontoura. Criávamos um bar, cujo aperitivo eram “martelinhos” do tônico. Todos, sem exceção, gostavam muito. Mais tarde, lendo uma reportagem, deparei-me com uma medida que proibia a adição de álcool nos tônicos, fazendo-me entender o porquê de todos serem meio viciados naquilo e a razão de tanto apetite depois da sua ingestão.

As barras de gelo demoravam a derreter e muitas vezes, no dia seguinte, lá estavam elas ainda. Assim surgia uma brincadeira de sentar nelas e ver quem conseguia ficar mais tempo. O desenho da parte “sentante” fica lá, modelado nas barras, e a sensação que ficava era um misto de dor, formigamento, vermelhidão e muita coceira. O efeito colateral, além do calor nas partes, era muito xixi e assim, às vezes, faltava banheiro, bem como pouca vontade de ir até lá. Então, num desses desafios, a criatura menor, meu primo Giovane, decidiu aliviar o tormento dentro de uma garrafa de gasosa, o nome dado ao nosso refrigerante. Foi quando apareceu minha mãe, que, vendo a garrafa aberta com líquido dentro, perguntou o que era. A resposta foi imediata: gasosa! Na nossa frente, sem podermos reagir, ela pegou a garrafa e tomou. Não houve tempo para ver a reação. As pernas criaram rodas para nos levar o mais longe possível daquele lugar, porém ouvimos as cusparadas e a promessa do que viria depois. Isso, aliás, era rotina. O medo, gradativamente dava lugar à imaginação, e uma história, sempre, era inventada para minimizar o castigo.





# CAPÍTULO 5

## As criaturas e suas profissões

O pátio era o lugar onde mais queríamos ficar. Ele nos chamava para a liberdade, a brincadeira e para as árvores com os seus galhos. Cada criatura tinha o seu. Galho, porém, era só o nome, pois ele se transformava num passe de mágica, naquilo que queríamos. O meu era um ônibus, onde pessoas eram transportadas até a cidade grande (Lajeado). O da minha irmã era uma máquina de costura. Esta balançava tanto ao “costurar e bordar” e ainda fazia um “toc, toc, toc” ..., que aos poucos ia formando um eco no interior da cabeça. E o pior: às vezes, no silêncio da noite, a mente trazia novamente aquele matraquear. Meu primo Nilvo tinha um armazém, e as bergamotas se tornavam mercadoria que só ele podia vender. Assim, cada criatura tinha o seu “negócio”. Voltando à minha profissão de motorista, a necessidade de também ter um ruído que lembrasse um ônibus gerava um problema lábionasal. De tanto fazer bico e soprar um som semelhante a um motor, em pouco tempo a boca e o nariz ficavam amortecidos, com uma sensação de formigamento. Ainda havia a queixa de minha irmã, sobre a enxurrada de perdigotos, ou salpicos de saliva, que acabavam molhando os “trabalhos” dela.

Na época, a relação entre passageiro e motorista já não era das mais tranquilas. Havia passageiros com muitos filhos e que queriam pagar somente uma passagem. A moeda da ocasião eram balas. Dessa forma não existiam meia passagem nem assistencialismo com as coisas alheias. Enfim, não éramos nada políticos, não dependíamos de votos, havíamos conseguido o nosso galho a muito custo. Os passageiros compravam muito e impor-



tunavam os outros ocupantes e assim as confusões estavam armadas, nem sempre acabando de forma pacífica. Tinha também os que passavam mal, não estavam acostumados com as curvas e solavancos e pronto, outro problema surgia: quem iria limpar tudo aquilo? Enfim, ter ônibus naquela época já não era fácil. Assim, quando a noite chegava, estávamos realmente muito cansados, com os passageiros, com as mercadorias transportadas, com as subidas e descidas da árvore, quer dizer, do ônibus, e o descanso era fundamental para enfrentarmos um novo dia. Recordando agora, levávamos uma enorme vantagem sobre os motoristas atuais, pois não pagávamos impostos e os passageiros, se tivessem que ir em pé, o problema não era nosso, pois não havia órgãos de defesa do consumidor.

Na ocasião, a concorrência já se estabelecia de cima para baixo. Quando uma das criaturas maiores cismava em ocupar o seu galho, não havia diálogo, e, sim, ocupação. Então, definitivamente alguma atitude drástica tinha que ser tomada. Depois de estudar e analisar a questão, ou o tombo, a prática tinha que ser posta em ação. Abaixo da árvore havia pedras grandes. A queda poderia ser complicada. Paciência! A pessoa não havia pedido o confronto? Então, era necessário subir um galho a mais e sentar acima da cabeça do ocupante, do seu espaço e lhe enfiar um pé nas costas. De forma que, novamente, tomávamos posse do nosso bem. Naquelas ocasiões, o dono do galho apanhava muito. Apanhava do bando e, pior, dos pais. Porém não importava, pois cada macaco tinha o direito de ficar com o seu galho.

A nossa árvore, como já ficou claro, era uma bergamoteira-que ficava ao lado do açougue em frente ao brete, onde colocavam os bovinos que iam para o abate. Como passávamos a maior parte sobre ela, era lindo acompanhar o brotar e o desenvolvimento das bergamotinhas. No início, bolinhas verdes, que aos poucos iam crescendo, e a casca tinha uma utilidade imensa. Na hora de uma briga ou, simplesmente, da vingança, bastava descascar uma parte e sorratamente chegar perto do “inimigo” e



espremer a casca perto do seu olho. Saía um esguicho, que era quase letal e provocava um ardor tão intenso que durante alguns segundos, as cores, como as conhecemos, tornavam-se absolutamente diferentes e um halo se formava em torno de tudo. Dessa maneira, dava tempo de sair para não apanhar, enquanto o seu desafeto lacrimejava sem parar e proclamava tantos palavrões que a certeza da vingança chegaria. O problema era saber quando e onde. Lembro também de serem consumidas antes de amadurecer. Eram tão azedas que nossos rostos se transformavam. Era interessante ver os outros comendo. O nariz dilatava e, num espasmo, um dos olhos ficava totalmente diferente, mais espichado que o outro e a contorção da face, então, era uma coisa fascinante. Até a garganta se preparava para receber aquele sumo azedo e a coisa iniciava novamente. A pergunta era feita. Está muito azeda? O balançar da cabeça dizia que sim, mas a coisa continuava e todos acabavam com o mesmo problema facial. Assim, a teoria da evolução cabia em cheio ao grupo, de forma que, para sermos símios, só faltava a cauda, mas, mesmo sem ela, nosso equilíbrio era excelente.

Daquela árvore assistíamos também ao abate dos animais. Podíamos ver e sentir o medo daqueles que iam para o sacrifício. Na recusa em entrar no brete e, o que mais impressionava era o olho do animal. O instinto o avisava e, pela forma de olhar, todo o pavor era transmitido. Muito tempo depois, ao escutar uma música gaúcha chamada “Os homens de preto”, que fala sobre o gado indo para a charqueada, veio um misto de nostalgia e pena.



## CAPÍTULO 6

---

### O porão dos medos, prazeres e dos “ovos-bala”

Para amenizar essas lembranças, havia o porão, que tanto nos chamava e sempre nos mantinha por perto e atentos, com a audição totalmente aguçada. Era um lugar que guardava coisas muito preciosas. Ali tinha um pouco de tudo, escuridão, que despertava curiosidade, e um sentimento de ansiedade, com um misto de frio na boca do estômago. Quando entrávamos “sem ser convidados”, todas essas percepções se faziam presentes e havia uma ordem de entrada. Os maiores geralmente iam à frente. Aranhas! Existiam de todos os tamanhos e tipos e, quando íamos entrando, alguns fios muito finos ficavam grudados nos cabelos, nas roupas e encostavam-se à pele arrepiada. Sempre havia aquela criatura que de repente virava um ser desconhecido e que ria histericamente, fazendo os nossos pelos da nuca ficar em pé. Apesar disso, era um dos locais mais visitados depois do pátio.

Como não havia geladeira, muitas coisas eram armazenadas no divino porão. Devido à temperatura que se mantinha bastante fresca, ali ficavam ovos, banha em latas, linguiça defumada, manteiga e um líquido precioso: cerveja feita em casa. Porém, o porão tinha um sério problema, o tamanho da porta, que não podia ser muito grande para evitar a entrada de calor. Assim, para entrar não era muito fácil. Se fosse um de cada vez, não havia problema, porém tudo ocorria quando ouvíamos o barulho, e o “convite acontecia”. Primeiro, era um chiado e depois vinha o espocar (na época não havia uma tecnologia para con-



trole da pressão interna das garrafas, e o inevitável acontecia). Oba! Mais uma cerveja que estourava e lá íamos nós em corrida desenfreada. Cotovelos abrindo espaço, mão de alguém na sua cara, tapando sua visão ou segurando seu nariz, a cintura era outro ponto fraco, muitas vezes ficando-se sem a parte de baixo da roupa de tanto ser puxada para trás. E aquela portinha, tão pequenina, sempre ficava com alguma parte nossa, um pedaço do couro do pé, ou do cotovelo ou mesmo um pedacinho da testa, que teimava em não passar. Era uma portinha cabeluda, pois na parte de cima ficavam tufo de cabelo de todos. Eram muitas criaturas disputando aquele espaço ao mesmo tempo. Não bastassem as pessoas, tinha o Fiel, nosso cachorro, que ficava tão enlouquecido quanto nós, tentava passar conosco, chegando ao absurdo de segurar nossos calcanhares.

Então, após alguns goles, éramos levados ao céu. Tudo ficava muito divertido e o porão já não causava mais medo. Outras garrafas acabavam “estourando”. O problema era que nem todos conseguiam ficar quietos, e a risada tornava-se generalizada e aí vinha o desastre. As coisas, não entendíamos o porquê, começavam a girar. O pior era a língua, que teimava em não pronunciar claramente as palavras. Os pés, também, não mais obedeciam, bem como os olhos, que começavam a ter um ligeiro problema de foco. Dessa forma, não conseguíamos entender como elas, nossas mães, podiam ter tanta certeza do ocorrido. Afinal, poderíamos estar com algum problema mais sério, quem sabe algo neurológico e assim tentávamos convencê-las. As tentativas eram muitas, porém sem sucesso. Então, vinha uma ordem e era fatal. O nariz delas vinha para perto de nossa boca, com as narinas dilatadas, que se transformavam em enormes buracos sugadores de aromas, e éramos obrigados a soprar. Então, a porta do porão novamente ficava minúscula. Não conhecíamos polvo na época, mas com certeza era nisso que se transformavam. Não sabíamos se doíam mais as palmadas ou o esfrega na portinhola tentando sair aos trancos e barrancos.



Os ovos do porão também renderam muitas histórias. Fomos informados que, ao sacudi-los, não poderiam fazer barulho. Se isso ocorresse, havia algum problema; estavam com certeza inutilizados para o uso. A pergunta a seguir era: o que fazer então com os que apresentavam defeitos? Sou obrigada a confessar que, num dia em específico, muitos viraram defeituosos.

Na frente da “Venda”, havia um cepo onde os cavalos ficavam amarrados enquanto seus donos faziam as compras, conversavam e tomavam pinga. Nessa época, o cavalo era o melhor meio de locomoção. Nesse dia, olhando para fora do porão, a primeira visão foram eles, alvos grandes e magníficos. Ficavam bem na mira do porão. Depois de muita confabulação sobre o que fazer com aqueles ovos, veio a genial ideia: tiro ao alvo ou seria ao cavalo? E a “coisa” teve início. Deveriam ser uns seis, tranquilamente aguardando a volta dos seus donos, quando o primeiro ovo foi arremessado e “uau!”, acertou em cheio a bunda do primeiro cavalo. Vieram o segundo, o terceiro e assim sucessivamente. Para nosso espanto, eles deveriam ficar quietos, sim, porque cavalo não pensa e, além de tudo, é muito pacífico, mas não foi isso que aconteceu. Houve uma revolta “cavalística”, uma verdadeira reação em cadeia. Quando o primeiro corcoveou, os outros lhe foram fieis e assim pulavam, batiam os pés no chão, jogavam a cabeça para trás, até conseguir se soltar e sair em disparada com cepo e tudo. Acreditem! Aquela porta do porão, tão pequena sempre, ficou gigantesca. Do lado de fora podíamos ver todos: nossos pais e os donos dos cavalos. O pior é que enxergavam todos nós. O que aconteceu daí em diante foi doloroso, ficamos uns quantos dias com problemas ao sentar.



# CAPÍTULO 7

## As criaturas e suas armas

Depois dos “ovos-bala”, inventamos outro artefato, que, ao acertar a mira, geralmente alguém do bando, provocava lágrimas de dor e promessas impronunciáveis. Serávamos um pedaço de bambu na parte oca. Numa das pontas, ia uma parte menor, o “nó”. Amarrávamos essa parte com tiras de câmara de pneu, de forma que ela se acoplasse perfeitamente no tubo do bambu. Depois, enchíamos de bolinhas de cinamomo e era só esticar as tiras com a parte fechada e soltar. Saía uma enxurrada de bolinhas.

Quando víamos alguém preparando aquela coisa, sabíamos que a guerra iria começar. Então, queria muito participar, pois estava cansada de ser um dos alvos preferidos. Foi quando meu irmão me chamou e me deu um bodoque, que chamávamos de funda, e fomos para o meio da roça. A noção de como atirar era nenhuma. Dessa forma, peguei o bodoque virado, com a pedra em direção ao próprio rosto e eles me incentivaram, gritando para soltar. Não deu tempo para ver, mas para sentir, sim. No meio da testa. Lembro-me da imensa raiva, dor e humilhação, com todos rindo. Nenhuma lágrima deveria ser derramada e uma frase tinha de ser dita: “Não doe, tá!” O negócio era engolir a raiva e usar de maneira certa aquela porcaria. E a primeira pedrinha foi vista, foi o tempo de me abaixar para preparar o bodoque e alguém gritou: “Ela não vai fazer. Vai, sim! Vai, sim!” E o esparramo foi geral. A raiva era tão grande que, depois do ocorrido, acabei me tornando mestre na pontaria da funda. Havia uma casa abandonada e todos finais de tarde lá estávamos mirando as janelas e as telhas. A casa, com o passar do tempo, mais parecia um queijo suíço.



# CAPÍTULO 8

## A descoberta do fogo

Depois disso, uma casinha foi construída, provavelmente na tentativa de nos tornar mais sociáveis; assim teríamos que definir funções, respeitar espaços e não haveria riscos de quedas. Porém, descobrimos outro elemento bem mais perigoso, o fogo. A nossa morada tinha dois cômodos, uma cozinha e uma sala, que também poderia ser um quarto. Ficou definido quem era a mãe o pai, os filhos e a empregada doméstica. Tal classificação ocorreu como em um quartel, a idade era posto; portanto, as criaturas mais velhas tinham as melhores funções. Brincamos muito nos primeiros dias, inclusive abrimos nosso primeiro armazém. Areia era nosso açúcar, terra peneirada, o café, os grumos que sobravam viraram feijão e assim se passaram os dias. Criamos também uma enfermaria, onde “medicações” eram ministradas e injeções aplicadas; estas realmente eram doloridas. Os mais velhos pegavam espinhos de laranjeira e fincavam em nossos braços. Isso durou pouco, pela dor causada e algumas feridas meio purulentas; assim, a coisa não teve continuidade. Porém, como tudo, a brincadeira tinha de ter ares de novidade. Decidimos fazer comida mesmo, em um fogão criado especialmente para a ocasião. Era um tanto rudimentar, mas provavelmente iria cumprir sua função. Achamos um galão grande de tinta, e a maravilha das maravilhas tinha um buraquinho, onde instalamos um cano de plástico para a saída da fumaça. Alguém falou que tínhamos que colocar tijolos sob o latão, para não incendiar o chão. Tudo pronto era só colocar fogo e cozinhar batata com arroz. A função era da empregada; enquanto os outros iam colocando a mesa, a conversa rolava sol-





ta. O primeiro almoço estava pronto e foi servido. O gosto era um misto de água salgada, batata e arroz mal cozidos e fumaça. Muita fumaça! Os olhos já não enxergavam mais, as lágrimas rolavam pela face e as vias respiratórias ardiam, enquanto as narinas se dilatavam em busca do ar. O calor tornou-se insuportável e aí veio o berro. Fogo! Lembro-me de tentar olhar para a cozinha e ver uma perna passando por cima de minha cabeça, todos buscando a saída ao mesmo tempo. Foi uma gritaria generalizada. Tentamos apagar o incêndio. Tudo inútil! Lá estava a nossa casa queimando e, o pior de tudo, não tínhamos segurado o nosso lar. Então, criamos o primeiro movimento social, os sem casinha. Foi realizada a primeira passeata para pedir ao PT (Pai e Tio) que reconstruíssem nossa morada, porém o movimento não foi compreendido e ficamos mesmo sem teto.



## CAPÍTULO 9

### Os reis “magros” e a resina “mirraculosa”

**H**avia uma época do ano em que nos tornávamos um pouco mais calmos: era o Natal. Não por causas religiosas e sim pelo fato de o Papai Noel vir e não trazer presentes. E isso era uma ameaça constante. Nunca se rezava tanto na hora de dormir. Era tempo de expiar nossas culpas. Tínhamos uma rezinha e Jesus devia cansar de ouvir tantas vozes rezando insistentemente antes de dormir.

Era assim:

“Ich bin klein  
Mein hertz ist rein  
Es soll niemand drinnen wohnen  
Als Jesus allein”.

Traduzindo, fica mais ou menos assim:

Eu sou pequeno  
Meu coração é puro  
E somente Ele, Jesus,  
Tem permissão de entrar.

Havia também a parte mágica, da busca, nada ecológica, pois cortávamos pezinhos de cipreste ou algo que se parecesse com um pinheirinho e retornávamos a casa para, na sala, montá-lo. Pegávamos papel pardo, fazíamos cola de polvilho e anilina.



Depois passávamos a cola e jogávamos a anilina de várias cores e, com as mãos, misturando, íamos dando cor às nossas montanhas e a transformação final ocorria com as dobraduras. Assim, iam surgindo lindos montes. Alguns lembravam montanhas verdes, outras lembravam pedra. A imaginação criava vários cenários. Íamos atrás de barba de pau e a decoração ficava linda. Tingíamos serragem em tom verde e pronto: lá estava a grama para as ovelhas, a vaca, o burro e aquele bicho estranho chamado camelo. Com espelhos, fazíamos os laguinhos. Então, Jesus não nasceu no deserto, pois o nosso estava rodeado de muito verde e água. Jesus, Maria e José e os outros, quem eram? Os reis “magros”? Uma das criaturas mais velhas nos explicou que eram magos e não magros e que tinham sido guiados por uma estrela até aquela manjedoura. E os potes! O que havia neles? Novas explicações se tornaram necessárias: ouro, em homenagem à realeza; incenso, para representar a divindade e mirra? O que seria a tal de mirra? A resposta não tardou, pois o menor falou que era alguma coisa que tinha a ver com “mirraculoso”, algum pó mágico. Até que novamente fomos informados de que era uma resina de uma árvore cujo nome era o mesmo. Na época, as respostas foram suficientes e aquilo que os três reis traziam deixou de ter importância. Depois de tudo feito, era colocado um cercado branco em volta que era o sinal de que não podíamos chegar mais perto, mesmo porque as bolinhas quebravam só de olhar. Essa era a desculpa mais usada quando quebrávamos alguma.

Nessa época mágica, o cheiro de bolachas de mel e manteiga invadia a casa. Podíamos ajudar a pintá-las com açúcar colorido e bolinhas que pareciam de prata. As bolachas eram cortadas com forminhas de metal em forma de estrela, menina, redondas, enfim, todas as possibilidades que a sua imaginação alcançava, ou as forminhas que havia em sua casa.

Vinha o Papai Noel, e o medo, misturado com devoção, nos deixava histéricos. Havia medo, tremedeira, choro, riso, descontrole e xixi nas calças.



Passada essa data, vinha a época da quaresma. Na Sexta-Feira Santa, não havia música nas rádios. O sino não tocava nem podíamos cantar. Tudo ficava no maior silêncio, pois era época em que deveríamos chorar a morte de Jesus. Na nossa ingenuidade, tudo terminava quando achávamos os ninhos de Páscoa, que vinham repletos de cascas de ovos pintadas e recheadas com amendoim envolto em uma calda açucarada, que muitos chamam carapinha. Era sinal de que Jesus tinha renascido e era Ele que, vestido de coelho, havia nos presenteado. Não ligávamos o fato de as nossas mães reclamarem da escassez de ovos e guardar todas aquelas cascas durante um bom tempo, bem como também não nos chamavam atenção os seus dedos pintados.



# CAPÍTULO 10

## Cine “te vê”

Nesse meio tempo foi comprada a primeira TV, uma Semp, e nossa sala de refeição, à tardinha, se tornava uma espécie de cinema. A TV era colocada bem no alto, e muitas cadeiras iam sendo ocupadas. Vinha gente de todos os lados para assistir à TV Tupi, principalmente ao *Repórter Esso* e às novelas da época.

Minha avó materna acreditava que as pessoas de “dentro” da TV também nos enxergavam. Assim, para assistir à TV, vinha bem vestida e penteada. Uma das criaturas também acreditava na mesma coisa. Tinha um desenho de um indiozinho, com duas anteninhas na cabeça, que fazia uma propaganda da TV e que dava uma piscada no final. Ela se enfeitava toda e, a cada piscada, quase morria de emoção, acreditando ser para ela. Era a minha irmã Núbia.

Na mesma época, foi comprada uma geladeira, imensa, que tinha nada mais que oito portas, porém aquela coisa gigantesca dava choque. Descobrimos que, se fizéssemos uma fila, o primeiro que encostava a mão na geladeira não levava choque e sim o último é que realmente sentia mais. Então, de forma dissimulada esperávamos e, quando alguém vinha passando, corríamos e juntávamos as mãos e nos encostávamos à vítima. O pulo e as palavras proferidas nos davam uma sensação de vitória. Isso parou devido a algumas bordoadas que levamos das criaturas maiores.



# CAPÍTULO 11

---

## Patente, “a casa mata”

Entre as muitas coisas lembradas no decorrer da história, o pátio tinha inúmeras coisas interessantes. Uma que me vem à lembrança é a “patente”, uma casinha sanitária construída para os serviços externos, principalmente quando da lide com a pocilga e curral. Era, portanto, planejada de forma estratégica, situando-se no meio das duas construções. Havia um caminho de lajes de basalto e cercas vivas que levava até lá. Atrás destas, tínhamos nosso arsenal, montanhas de pedras e restos de tijolos. Bastava uma das oito criaturas entrar na patente, para a artilharia ter início. O barulho era tanto que as necessidades fisiológicas tinham de ser feitas muito rapidamente, se não havia o perigo de ficar incapacitado auditivamente. Para sair ileso, havia uma senha que deveria ser gritada a plenos pulmões, “estou pronto”; só então a porta poderia ser aberta. Porém, uma das criaturas não seguiu as normas e foi arremessada de volta com meio tijolo, bem no plexo solar. Foi então que descobrimos que provavelmente havia um órgão que nos fazia respirar. Não era só o vento entrando espontaneamente narina adentro, pois no exato momento ventava bastante. E a criatura estava lá com dificuldade em colocar ar para dentro. Algo precisava ser feito e com urgência, e o jeito foi novamente gritar, “ela vai morrer!” Lá vieram os nossos pais e novamente a fizeram respirar. Antes que nos encarassem com aquele olhar que conhecíamos muito bem, e que vinha carregado de promessas que chegavam a arder, fomos aos poucos nos afastando e procurando um lugar seguro para rezar e muito, porque naquele dia voltar para casa ia ser muito complicado.



Uma das coisas que nossos pais tinham que fazer com frequência era tirar as pedras e tijolos que se acumulavam sobre o telhado da “casinha”, sob pena de um dia tudo vir abaixo.



# CAPÍTULO 12

## O “pintão” da Eva

Passados alguns percalços, a vida continuava na nem tão pacata Boa Esperança. Aos poucos íamos descobrindo as coisas, às vezes de forma divertida e outras, nem tanto. Como em toda casa do interior, na nossa também havia um galpão com um celeiro em anexo, no qual tinha um pouco de tudo: milho, farelo, batata, mandioca e ratos. Sim! Muiiiitos!!! Numa tarde de chuva, sem ter o que fazer, fomos até lá com nosso gato, que, se bem me lembro, seu nome era Mi-Mi (acho que todos os gatos de descendentes germânicos se chamavam assim).

Quando entramos, a algazarra teve início. Primeiramente, observamos que o felino eriçou o pelo e nós começamos a bater, com varas, no milho. Foi o início da correria e da caçada. Corre daqui e dali, celeiro fechado, o calor foi tomando conta, e peças de roupa foram sendo arrancadas e a caçada continuava. Aos poucos, estávamos quase nus, e isso nos pareceu normal e divertido. Decidimos realmente ficar pelados e aí constatações começaram a ser feitas. Alguém falou das diferenças. Por que alguns tinham “pinto” e outros não, e teve início uma grande discussão sobre as diversas utilidades “daquilo”. Falou-se que a mulher já havia tido o seu e bem mais “pintudo” do que aqueles que estávamos vendo, porém uma tal Eva tinha comido o “raio” de uma maçã, provavelmente contendo algum veneno para ficar sem o seu “troço”, e foi Adão, com inveja, que deu a maçã para ela morder. Pronto! Lá se foi o pinto parar no meio das pernas dele. Deus ficou muito irado com Eva, daquele dia em diante, Adão podia fazer o seu xixi em pé e nós, como castigo, bem, todo mundo sabe, algumas acertam o pé em extrema necessidade. Nesse





momento, a porta foi aberta e lá estavam os nossos pais e tios, e a forma como nos olhavam foi nos dando uma sensação de que algo muito errado estávamos fazendo. Aos poucos começamos a nos vestir e o ato tornou-se frenético. O sentimento de vergonha tomou conta e fomos colocados de castigo. De forma que, nosso inconsciente registrou: falar sobre sexo era pecaminoso e chegamos à conclusão de que “aquilo” não era só para fazer xixi. Bem mais tarde, descobrimos a real utilidade. Essa encrenca toda nos fez olhar para o sexo oposto de forma diferente. Até então, a questão sexual era só um detalhe de cabelo. Explicando melhor: homem tinha cabelo curto e mulher, cabelo comprido. Mas, naquele dia, uma fagulha diferente despertou o lado malicioso e pecaminoso do sexo. Assim, a questão era tratada com todo o segredo. As dúvidas e curiosidades eram tiradas com as criaturas mais velhas. A informação muitas vezes tinha várias interpretações e cada um, após muita reflexão, chegava às suas conclusões.



# CAPÍTULO 13

## O poder do ohhhh!!!!

A televisão também começou a influenciar na percepção das coisas. Observávamos que, quando uma mulher bonita aparecia, os homens teciam alguns comentários. Então, decidimos criar nosso primeiro instituto de beleza.

Como éramos de descendência germânica, nossos cabelos eram muito claros. Por que não torná-los coloridos? Não se sabe bem o porquê, mas as pessoas loiras, na maioria, gostam do azul. Então, essa foi a cor escolhida para sermos as primeiras revolucionárias da época. Deveríamos ter patenteado a ideia. Lembram de uma deputada federal pelo Rio Grande do Sul que de maneira escancarada, muito tempo depois, nos imitou? Mas deixa prá lá, admiro-a muito. Havia uma tinta azul, muito azul, que vinha dentro de um vidro sextavado e que servia para recarga de canetas, estas, chamadas caneta-tinteiro. Bastava um pingo daquela tinta numa roupa, para nunca mais tirar aquela mancha. Aquele vidro, com a tinta contra a luz nos hipnotizava. Imaginem como ficaria no cabelo! Sem dúvidas, ia ser o máximo; além de tudo, iria combinar com a cor de nossos olhos. Então dedos à obra. Algodão empapado na tinta e uma listra no cabelo, com direito ao couro cabeludo também ficar com aquele tom mágico. O primeiro problema ocorreu por falta de planejamento. Maldito planejamento, pois na época não existia empreendedorismo para que pudessemos ser bem orientados. Havia muito cabelo para pouca tinta, e criamos o primeiro cabelo listrado. Lembram da deputada federal? Não tenho razão? Bem, vamos em frente. A conclusão era óbvia, daquela maneira? Não! Alguma coisa a mais teria de ser feita. Assim, veio a segunda tentativa, um corte radical do



cabelo. Tipo pega um tufo pela raiz e extirpa aquela parte, sem dó nem piedade, e vai repetindo em diversas partes da cabeça. Surgiu, então, outro porém, o tom do couro cabeludo, azulão. O resultado final lembrava, de alguma forma, casa faltando telhas, ou um queijo suíço misturado com gorgonzola, mas até aquele momento ainda estávamos em franca criação. Precisávamos do toque final. Criamos o laquê para dar aquela arrepiada básica no cabelo e tapar um pouco os “buraquinhos” maiores. Surgiu assim, o melhor e mais poderoso laquê de que se tem notícia, feito de xarope Melagrião com caldo de sabonete Vale Quanto Pesa, este para perfumar. O efeito final era fantástico, e a aparência ficava ótima, tipo fiozinho durinho e espetadinho, que se entrasse no olho de alguém, era capaz de furar. Mais problemas pela frente, as moscas! Não era uma! Vinham em bando e insistiam em pousar e não sair. Chegavam ao cúmulo de se agarrarem aos fios e podíamos ouvir a festa que faziam, por causa de um zunido e de um mexe-mexe, que acabava com a paciência de todos. Desgraça, um banho urgente se fazia necessário. Então, veio o próximo e o maior susto! Ao sairmos do nosso espaço de beleza, nos deparamos com “eles”! Pais! Realmente não entendíamos o tamanho do espanto. Enfim, achamos que a coisa toda tinha sido muito boa e essa era a nossa opinião e pronto. Depois do banho, com muito sabonete, na época não conhecíamos xampu, e do acerto feito pelo barbeiro, achamos que nosso cabelo havia ficado tão curto e sem expressão que alguma outra coisa deveria ser inventada. Uma das criaturas que ainda estava com cabelo comprido literalmente tosou um dos lados, ficando dessa forma inserida no grupo “garotos”. Essa moda até hoje não pegou. Para dar o recado para nossa mãe de forma dissimulada, parou na porta da cozinha, escondendo o lado tosado e de supetão anunciou: “Mãe! Cortei meu cabelo!” O resultado? Castigo para todos.

Tempo de descobertas, conhecemos o poder da capseína. Havia pés de pimenta chamada dedo-de-moça, uma pimenta comprida, vermelha, fina e muito ardida. Quando a esfregáva-



mos nos lábios, ocorria o efeito do oohhh!!! Oh! Meu Deus, como arde! Como arde! Como era quase impossível suportar, pedíamos para alguém vir em socorro e assoprar, pois assim passava um pouco o ardor. O efeito demorava um pouco. Depois do susto, vinha uma sensação gelada, de formigamento, e os efeitos eram incríveis. Os lábios ficavam túrgidos, vermelhos, inchados, tipo boca siliconada que ficava meio amortecida e algumas palavras ao serem pronunciadas vinham acompanhadas de muita baba. Como não conseguíamos resolver o problema, aos poucos a ideia da pimenta foi abandonada, e a busca do batom continuou. Foi então que, ao ajudarmos a desmanchar a decoração de um baile, percebemos que nossas mãos haviam ficado coloridas pelo papel crepom. Pronto, o substituto ideal havia sido enfim encontrado, tanto para os lábios quanto para as bochechas. Muito mais tarde, assistindo ao *Sítio do Pica-Pau Amarelo* e vendo a Emília, identifiquei-me com ela em muitas coisas.

Criamos também as primeiras unhas postiças. Tínhamos uma cerca de rosas silvestres, que são bastante pequenas. Arrancávamos as pétalas, passávamos na língua e grudávamos nas unhas. Isso durava um bom tempo, até desidratarem. Mas, enquanto as unhas estavam lá coladinhas, nos sentíamos como aquelas misses que apareciam na TV.



# CAPÍTULO 14

## A guerra das bolitas

O pátio não cansava de nos chamar; então, brincadeira de boneca não tinha muita vez. Lembro, sim, de fazermos misérias com elas. Quando alguém ganhava uma, os cabelos, que eram de lã, geralmente avermelhados e enrolados, eram os primeiros a ser extirpados e em seguida entrava em ação a caneta azul. Dessa forma, todas as bonecas eram carecas e tinham sobranceiras e bocas azuis. Acredito que, quando alguém ganhava uma, gerava tanta discórdia que desistiram de nos presentear com elas.

Uma das brincadeiras de que mais gostávamos era o jogo de bolinhas de gude, que chamávamos de bolitas. Lembro que não tínhamos mais cutícula no dedão de tanto jogar. Existiam dois tipos de jogos: um era o do círculo. Desenhava-se o círculo no chão, e cada um colocava um determinado número de bolas de gude dentro. Depois era realizado um sorteio, através de uma cantilena infantil: “Ai bai bim bu, quem cai fora é tu”, que persiste até hoje nas brincadeiras, até ficar o último e este tinha o direito de começar o jogo. Cada um tinha a sua “joga”, que era a bolita preferida. Havia uma linha que ficava a uns dez passos do círculo e cada um lançava a sua em direção a ele. Quem chegasse mais perto levava vantagem. Então, tinha que pegar sua bolita e tentar acertar as outras, retirando o maior número possível de dentro do círculo. Se errasse, passava a vez. O segundo jogo era o buraco. Cavávamos um no chão, que era esfregado e alisado com água até ficar do jeito que considerávamos ideal, com um diâmetro de mais ou menos dez centímetros. Novamente era feita uma marca que determinava onde todos arremessavam suas bo-



litas. O objetivo era acertar o buraco. Uma vez dentro, tinha que “nicar” as outras, tantas vezes quantas se fizesse necessário, até levar o maior número de bolitas, do adversário, para o buraco. Essas, passavam a ser suas. O jogo terminava quando não havia mais bolinhas de gude para serem “comidas” e começava tudo novamente. Esses jogos como era de se esperar, faziam as criaturas se tornarem irracionais, sobretudo quando a quantidade de bolitas de sua bolsa baixava muito e a adrenalina subia em igual proporção à sua cabeça. No jogo, havia um movimento proibido chamado “carrega”, que era o ato de avançar a mão na hora de jogar. Então, a confusão tinha início. Certa vez, uma das criaturas ficou ensandecida. Lembro de ter levado uma bolitada bem no ossinho do tornozelo. Foi tanta dor que, ao pular em um pé só, tentando fazer a dor passar, a vontade de fazer xixi ficou insustentável e o esperado aconteceu e a guerra teve início. Foi tanta bolinha voando para todo o lado até que ouvimos o barulho de uma janela sendo quebrada e a tia saindo de dentro da “venda” gritando conosco. Uma atingiu o alvo em cheio: A boca da nossa tia. O barulho batendo no dente foi absolutamente audível. Um segundo ruído, porém, nos fez olhar para o chão e ver um objeto branco. O que era aquilo? Um dente? Mas de quem? De quem? Até que a tia falou e saiu um som estranho. Começamos a rir e veio a primeira dor ardidada nas pernas. E, imitando as bolitas, foi um esparramo de criaturas correndo à procura de proteção. Isso foi o suficiente para o dentista local ter muito trabalho, e a minha tia, um dente postiço na boca. Era um aparelho estranho, cheio de arame com um dente chamado de ponte móvel.

Havia campeonatos desses jogos cujo prêmio era um pinto. Explicando melhor: Como tínhamos aviário, muitos deles não sobreviviam e os “falecentes” viravam “troféu”. Quem tornava-se campeão, ganhava o pinto, morto, que passava pendurado na cintura o dia todo e você era O Bom! Todos o olhavam e a glória lhe pertencia. Havia um problema: o pobre bicho ficava de cabeça para baixo e isso gerava uma linha de baba em nossa rou-



pa. Esse fato desencadeava certa insensatez da parte dos adultos. Éramos proibidos de entrar em casa com o troféu na hora do almoço. Não conseguíamos entender por que eles, nossos pais, não tinham orgulho daquilo. Afinal, o que era uma babinha na roupa, se no outro lado havia um saco cheio de bolitas, que faziam um barulhinho agradável ao caminhar e principalmente ao correr? Era o resultado de uma batalha das mais justas. No final do dia, uma cruz era feita, dois sarrafos atravessados, e um cerimonial tinha início no cemitério dos pintos. Depois de cavada a cova e enterrado o troféu, rezávamos para que os anjinhos o recebessem.



## CAPÍTULO 15

### Ferida cabeluda, prego na cabeça e *piercing* na narina

**D**epois de tantas “brigadeiras”, era natural que muitas marcas se espalhassem pelo nosso corpo. O mais legal é que conseguíamos nos lembrar de todas e orgulhosamente contávamos como havíamos conseguido fazer aquilo ir parar ali. Uma ficava sob o pé direito. Estávamos brincando de esconde-esconde e alguém, ao cortar lenha, esqueceu o machado com o fio para cima, entre duas achas de lenha. Corre daqui e dali, salta e pula, e o pé passou sobre o machado. Como sempre, os pés estavam descalços e o inevitável aconteceu. Sabe aquela dor fininha que responde na boca do estômago? Ao olhar e ver o corte, a dor triplicou. Uma das criaturas abriu o corte e fez o comentário infeliz que provocou uma série de náuseas em todos: “Olha! Dá para ver o osso”!

Como o medo de apanhar era uma constante, aos poucos se ficava só. O sangue não parava de jorrar e a questão era o que fazer. O jeito era arrumar alternativa, que em seguida veio: encher com cabelo. É! Com cabelo cortado. Como na época tudo era longe, vinha um barbeiro de quinze em quinze dias, que, além de fazer barba, também cortava cabelos, de homens e de mulheres. Isso era feito na sala da nossa casa, e o cabelo ficava espalhado pelo chão. Então, ficou fácil. Era só juntar, colocar no corte e rezar para que o sangue parasse. Isso não aconteceu; muito pelo contrário, aonde o ferido ia ficava uma poça de sangue misturada com cabelo, até que alguém percebeu. Ficou fácil a localização, pois era só seguir as pegadas do sangue cabeludo e,





graças a Deus, naquele dia fui medicada e dessa vez não ficaram zangados. Depois de colocar cabelo dentro do corte, outro medo tomou conta. Alguém falou que provavelmente o pé ia ficar cabeludo. Sim! Era como uma semente e, como havia sangue, este iria funcionar como adubo. Por isso, várias vezes ao dia o pé era examinado, para constatar que não estava nascendo cabelo.

Uma das criaturas maiores tinha uma cicatriz bem no meio da cabeça, feita com uma clava e um prego na ponta. Descobrimos uma madeira que vergava muito e não quebrava, era só colocar um prego na ponta e a arma estava feita. Coitado dos porcos foram nossas vítimas. Fomos para a pocilga e a gritaria, tanto nossa, quanto dos porcos, teve início. Verga daqui e acerta ali, não se sabe como a cabeça da criatura maior, prima Vanda, foi de encontro ao prego. Silêncio e pânico geral. Alguém falou que, se tirasse o prego, iria sair junto o cérebro. E a dúvida continuava: o que fazer? Então, fomos em fila até a “venda”, com todo o cuidado para que o cérebro não vazasse. Paramos na frente de nossos pais e tios, contamos e recontamos a história de como a cabeça da criatura tinha ido de encontro ao prego. Depois da “soltura”, houve uma fração de tensão. Esperamos. O cérebro, graças a Deus, continuava no seu lugar. Porém, de repente estávamos sob a mira daqueles olhos, e a promessa contida neles não era nada boa. Se bem me lembro, naquele dia só houve uma criatura poupada, pois, se sacudisse muito, com certeza o cérebro iria espirrar para fora.

Teve também a colocação do primeiro *piercing* no nariz de uma das criaturas. Estávamos brincando no salgadoiro, um galpão onde se começava a curtição do couro, e uma delas pegou um anzol e jogou para fora da janela fingindo que estava pescando. Nesse exato momento, passava correndo outro membro do lado de fora e foi fisgado pelo nariz. O anzol tinha atravessado e saído do outro lado da narina. Como tirar? O melhor era cortar o fio e deixar o anzol pendurado no nariz. Uma das criaturas falou que não dava, pois, iria enganchar em tudo. Ai meu Deus!



Os grandes iam entrar em ação novamente e orelhas, pernas e bundas também.

Dentre as marcas facilmente vistas, era a língua rachada que mais deixava lembranças dolorosas, mas que logo desapareciam. Não dava muito tempo de mostrar e contar com vantagem a proeza, pois, devido à vascularização intensa no local, logo a rachadura fechava. Era uma prova de resistência que me faz pensar que naquela época éramos um tanto masoquistas. Na propriedade de um vizinho havia um alambique, que algumas vezes, de forma furtiva, era visitado, embora não fôssemos apreciadores da cachaça, pois ardia muito ao ser ingerida. Arrumamos uma forma de fazer um campeonato. A prova era com ananás (fruto pertencente à mesma família do abacaxi, porém muito mais ácido) *versus* cachaça-de-cabeça que é a primeira que sai da destilação da cana-de-açúcar, cujo teor alcoólico é bastante elevado. O ananás era mastigado até a língua partir e começar a sangrar. O campeão era aquele que conseguia ficar o maior tempo possível com aquela aguardente na boca. Não era engolida, cuspiamos fora. Cachaça tinha pouco na boca, mas saliva e sangue formavam uma papa sanguinolenta.

Falando em boca, uma das criaturas tinha uma capacidade que nos deixava no chinelo. Quando, no armazém, entrava alguém de quem não houvesse gostado, punha a língua para fora. Literalmente falando, mostrava a língua, durante o tempo em que a pessoa permanecesse no recinto. A língua ficava assim, acomodada entre os dentes, chegando a ficar seca e roxa. Não entendíamos como conseguia, sem deixar escorrer um fio de baba. Era mestre com uma persistência invejável. Nossos pais, ao contrário, acredito que, se não houvesse sequelas, diversas vezes a teriam deixado sem.



# CAPÍTULO 16

## Gastronomia perigosa

Com todas essas traquinagens não podia ser diferente: éramos frequentadores assíduos do hospital São Gabriel em Cruzeiro do Sul, onde reinava absoluto o Dr. Pereira. Naquela época era Deus no céu e o Dr. Pereira, todo poderoso, na terra. Entre muitas razões para as visitas frequentes, uma sem dúvida era a questão da higiene, quer dizer, da falta dela. Tom-bos e brigas, por incrível que pareça, nunca chegaram a fraturas. O mais grave eram escoriações, hematomas e alguns cortes, como já contado, e as doenças normais da época, como sarampo, catapora, gripes...

Descobrimos que ficar doente era muito bom. Convenhamos, essa lição foi bem assimilada e usada por muitas pessoas até hoje, em todas as situações e empregos. Primeiramente, recebíamos atenção de todos e havia um ritual: café na cama, não ir à escola e nem precisar tomar banho, mesmo que fosse sábado. Além disso, ganhávamos a comida preferida, que, somada aos demais, tornava-se o verdadeiro remédio para a cura. Contudo, se depois de tudo isso não houvesse melhora, entrava em cena o Dr. Pereira.

Voltando ao quesito higiene, começemos pela minha avó materna, Maria, que jurava que “muito banho enfraquecia os ossos e afinava o sangue, além de provocar gripe...” Assim, tomávamos banho três vezes por semana, um, sem dúvida, no sábado. O normal era passar uma toalha úmida em todo o corpo e lavar os pés. Isto não se podia deixar de fazer, creio que baseado no fato bíblico no qual Jesus lavava os pés dos apóstolos, tornando-se a parte mais limpa do corpo.



Outro fator nojento era a goma de mascar. Já que era de mascar, essa realmente passava por uma maratona. Ficava no mínimo uns três dias indo da boca para baixo da mesa, isso na hora da refeição, depois voltava para a boca. Na hora de dormir, ficava nos aguardando, grudadinha na cabeceira da cama. Ao acordarmos, todo cuidado ao mascar era necessário, pois a goma havia desidratado e ficado dura feito pedra. Depois de um tempo, então, na boca a ruminação novamente tinha início. Durante o café, ia para dentro do açucareiro, pois, além de ter mudado da cor rosa para um tom meio marronzinho, havia perdido um pouco do sabor doce. Nesse momento, a atenção tinha que ser redobrada, pois o roubo da goma de mascar mais colorida sempre ocorria. E a dúvida vinha: o que você estava mascando era realmente seu? Assim ia, até que não lembrávamos onde ela havia sido deixada.

Lembro de uma vez em que o barbeiro, aquele do cabelo, ao erguer uma mesinha onde estavam os seus apetrechos, fez uma cara muito estranha. Olhou na parte de baixo da mesa e a recolocou no mesmo lugar com uma rapidez impressionante, quase num ato reflexo, passando as mãos nas calças na tentativa de limpá-las e com uma cara que nos fez lembrar um dos locais preferenciais para “guardar” a goma de mascar. A mesinha, certamente, estava protegida do ataque de cupins, pois, com toda aquela meleca grudada na parte inferior, não havia inseto que se atrevesse a atacar aquela peça e, se caso algum mais afoito e desavisado tentasse atravessar aquela pasta, provavelmente contaminaria todo o cupinzeiro. Em consequência, esse era um fator para o aparecimento de uns bichos com nomes bastante estranhos, que teimavam em fazer parte do nosso organismo e as visitas à casa de saúde tornavam-se rotineiras. Os nomes? *taenia-saginata* e *solium*, além de *oxiúros*. Traduzindo isso para nomes mais populares, solitária, lombriga, enfim. Mais popular ainda? Vermes. Nojinho? Além do chiclete, outros fatos contribuía para essa fauna fazer parte da nossa flora intestinal.



Veio para cuidar da fábrica o senhor Armando e ele tinha uma família com alguns filhos que fizeram parte de muitas aventuras. Em determinadas ocasiões, aderiam ao nosso clã; em outras, formavam o seu e estabeleciam concorrências.

Voltando a fauna e flora, a mãe desses novos conhecidos fazia uns pastéis, que eram disputados por todos. A massa era grossinha e o formato do pastel, quadrado. Comíamos somente o recheio, e a massa se tornava objeto de brincadeiras. Virava carteirinha de dinheiro, que, na época, eram folhas de laranjeira. Montávamos nossa “venda” com frutas e hortaliças tiradas de nossas hortas e brincávamos durante um bom tempo. Depois, enjoados daquilo, sabem onde a massinha do pastel ia terminar? Pois é, sempre batia uma fome e aquela massinha... Bem, acabávamos com ela.

Também faziam parte do nosso cardápio, tenho que deixar claro que era nosso, não o de nossos pais, os bifinhos tártaros. No matadouro, após o sacrifício dos bovinos e suínos, uma parte da carne ia para o açougue, e outra parte para a fiambreira. Ali, a carne era moída e temperada, ficava em gamelas para os temperos, liberarem todo o seu sabor. Depois, o guisado era colocado em máquinas, e tripas limpas, que eram preenchidas e transformadas em ótimas linguças. Uma porção era surrupiada e transformava-se na maravilha da nossa culinária: magníficos bifinhos tártaros. Nem todos eram grandes apreciadores. De minha parte, porém, era uma iguaria. Assim, cultivei uma senhora, que, por pouco, não deixou sequelas mais graves, cujo nome popular é solitária. Descobri há pouco tempo ser possuidora de um cisticercos no cérebro. Graças a Deus, calcificado!

Li um artigo que trazia informações que causaram alguma polêmica no meio científico. Dizia que quem na infância tivesse tido problemas com verminoses dificilmente desenvolveria alergias. Não tenho, como também nunca tive qualquer tipo de alergia. Estranho, no mínimo. Preciso registrar oficialmente que atualmente sou grande apreciadora de um bom banho. Porém,



confesso que ainda sou grande admiradora do bife tártaro, carpaccio, ceviche, sashimie, se não bastassem, kibe cru. No entanto, a forma no trato com os animais, no que se refere à higiene, melhorou muito. Mesmo assim, torna-se obrigatório um exame de rotina contra parasitoses.

Todos nós sabíamos assobiar, uma das primeiras coisas que aprendíamos. Nossas mães faziam seguidamente pão de milho, e que sempre era assado demais para o nosso gosto, ficando com a casca dura. Então, vinha o pedido para que a tirassem e sempre vinha a mesma resposta: “Não vou tirar. Se você comê-la, vai sair assobiando da mesa”. Pronto, ia a casca a muito contragosto goela abaixo. O primeiro ato depois do café era a tentativa de assobiar. Formava-se o bico, depois o assopro e junto vinha uma chuva de perdigotos. Todos já sabiam que ficar na frente de alguém que tivesse acabado de comer pão de milho não era aconselhável. As tentativas eram tantas que os lábios ficavam trêmulos de esticar o “beijo,” fazer o bico, assoprar, e lógico, cuspir em tudo que estivesse à frente até a boca inteira ficar amortecida. “Não deu desta, amanhã coma mais casca e tente novamente”, de forma que, com insistência, todos aprendiam o ofício, e uma verdadeira orquestra se formava.



# CAPÍTULO 17

## O clã do Sr. Armando x o clã das criaturas

O clã do senhor Armando era bastante numeroso, e o confronto com o nosso estabelecia-se de várias formas. Entre brigas e provocações, quase ocorreu uma tragédia. Para contar o fato, tenho de descrever uma parte da ervateira, o local da recepção da erva em fardos. Depois de a matéria-prima, que são as folhas verdes da erva-mate, ser descarregada, era encaminhada para a sapecagem. Os trabalhadores, com tridentes chamados “garfos”, colocavam-nas em um túnel metálico, com uma leve inclinação. As folhas ficavam girando sobre fogo intenso e iam caindo já desidratadas (sapecadas) dentro de carrinhos para serem levadas aos fornos para o restante da secagem. Todo o processo tinha que ser controlado para que não pegasse fogo. Para isso, duas cisternas grandes ficavam sempre cheias de água, caso houvesse um princípio de incêndio. Abertas para captar toda a água da chuva, na entressafra eram pouco usadas. *Aí, lá estávamos nós: “Piscina” à vista e confusão armada.*

A disputa aconteceu pela “piscina” maior, e nossa menor criatura foi arremessada para dentro pelo clã inimigo. Como a cisterna era funda, a tragédia quase ocorreu. Depois do resgate, lembro-me das promessas de retaliação, que seriam cumpridas, sem dúvida alguma. Podia demorar, mas a coisa aconteceria, mais cedo ou mais tarde. Diversos planos entraram em ação. O que fazer? Como fazer? Quando? E eis que uma lata surge na mão de uma das criaturas. Aquilo realmente era malcheiroso com um nome estranho: creolina. Como tínhamos que aguardar



a casa ficar vazia, subimos em uma árvore que ficava em frente. Lembro-me de alguém contando uma história enquanto esperávamos: A fábula Os músicos de Bremen, na qual, um homem tinha um burro, e que, quando ficou velho não mais o quiseram e o mandaram sair de casa. Pelo caminho foi se encontrando com um cachorro e um gato, igualmente desprezados pelos seus donos... Bingo! A casa ficou vazia e lá fomos nós de lata em punho. Espalhamos o líquido por cima de todas as camas. O cheiro era insuportável! E, com o manuseio, o odor ficou impregnado em nós e as consequências do ato foram desastrosas. Devido ao castigo, o nosso clã achou por bem realizar uma nova investida. A espera continuava. Eis que num certo dia, andando sozinha pela fábrica, deparei-me com uma situação adequada que daria uma ótima vingança. Na fábrica também havia as casinhas sanitárias, “patentes”. Passando por elas, ouvi uma conversinha e sorradeira fui chegando perto e vi aquela que havia jogado um dos nossos na “piscina”. Pronto! A vingança estava ali ao alcance das minhas mãos e das costas da minha desafeta. Ela estava segurando o Nenê (apelido esse que perdurou pelo tempo) sobre a abertura da patente. O pequeno deveria estar com um ano e meio e, pela posição e vermelhidão do rosto, estava fazendo algo que não cheirava muito bem. Analisei o fato. O buraco era grande e quem estava sobre ele, pequeno. Paciência! Nossa criatura deveria ser vingada. Então, com toda a força que consegui reunir, bati nas costas da inimiga gritando “é pela tentativa de matar um dos nossos”. O susto e a raiva ficaram estampados em seu rosto e o que aconteceu a seguir foi nojento e patético. Ao avançar em minha direção, vimos às pernas do Nenê sumindo pela abertura da patente. Nós olhamos e corremos para aquela abertura e lá estava à criaturinha em meio àquilo tudo, com a cabeça de fora e virado em choro. Rapidamente agimos para tirá-lo de lá. Entre arcadas intermináveis, começamos a dar-lhe banho; primeiramente na “piscina” grande, depois na pequena e por fim colocamos de molho em uma banheira até que o coitado ficasse





com muito frio e a pele enrugada e decidimos parar. Quando o levamos para a mãe, esta olhava, apalpava várias vezes para ter certeza de que seu filho não estava verdadeiramente de fraldas cheias. Lembro que fizemos um pacto de jamais contar para ninguém, como lembro também que aquele cheiro fez parte do Nenê por uns bons dias.



# CAPÍTULO 18

---

## Meu jacaré

Passados esses momentos, outros bem mais lúdicos fizeram parte de nossas conversas e brincadeiras. Conhecemos histórias que não faziam parte da nossa cultura. As histórias fantásticas, de seres imaginários que não podíamos ver, mas que, quando nos visitavam, deixavam alguma evidência. Eles podiam ser bons ou maus, tudo sempre dependia de cada um, da sua conduta. Se haviam sido bons, não tinha problema, ao contrário, a coisa ficava complicada. Tinha o Saci Pererê, que pulava numa perna só e era um capeta, escondia as coisas. Sabíamos ter sido visitados, quando sentíamos cheiro de charuto. Na época, o máximo que conhecíamos era cigarro, e nosso pai fumava, o nome era Tufuma. Então, às vezes, nos deparávamos com o rastro de cheiro de tabaco. Pronto! Lá vinham aquela sensação de frio na barriga, o medo e a pergunta: O que havíamos feito? Ou por qual feito o Saci havia vindo? E sempre eram vários os motivos para sermos visitados. Ou pior ainda, será que o Saci poderia se transformar na figura do nosso pai ou dos tios? Dessa forma, muitas vezes, quando a consciência estava com alguma culpa e víamos alguém fumando, pronto, lá vinha a dúvida: quem era o ser na nossa presença? Isso causava um frio na nuca que percorria espinha abaixo. Indagávamos para ter certeza, Pai? Esperávamos outra voz. De criança? Ou seria uma voz rouca? Então, quando vinha a resposta, que geralmente era em alemão, “já?” (quer dizer sim?), lá se iam todas as dúvidas. Além de ser a voz do nosso pai, o Saci provavelmente só sabia falar português.



A história do Negrinho do Pastoreio, jogado sobre um ninho de formigas, foi a que mais nos comoveu. O silêncio e a comoção foram generalizados. Como alguém poderia ser tão mau?!

Depois vieram as histórias do Pedro Malasarte, que nos divertiram muito e fizeram parte do nosso dia a dia por muito tempo, principalmente quando quebrávamos alguma coisa e havia um culpado. Por fim, os fantasmas, que renderam muitos sobressaltos e medos, sobretudo quando estávamos no escuro. As lufadas de vento e as portas batendo eram indícios de fantasma presente. Então, em um final de tarde, estávamos sentados dentro de um bambuzal e as histórias corriam soltas. Uma que nos impressionou muito foi a de uma casa. As coisas sempre aconteciam na calada da noite, quando tudo estava muito quieto; podiam-se ouvir as gavetas abrindo, portas e janelas batendo, pessoas caminhando, objetos sendo arrastados, coisas quebrando e, quando iam olhar, tudo estava no seu devido lugar. Alguém falou que havia levado um tapa no rosto, sem mais nem menos, e o pior, não havia ninguém. Todos estavam naquela posição de estátua, o que nos diferenciava era a respiração, que vinha cada vez mais rápida, e os pelos dos braços, que naquela altura encontravam-se totalmente em pé. Havia outra sensação comum a todos: um frio na espinha e a certeza de que tinha alguém ou alguma coisa parada bem atrás de nós, bafejando em nossa nuca. Existia também outro senso comum: “não vou olhar para trás nem me mexer. Quanto mais quieto melhor. Assim, quem sabe, não serei percebido”. E o fato continuava sendo contado e o pavor aumentando cada vez mais. A tensão era tanta que podia ser quase apalpada. De repente ouviu-se um estalo. Alguém gritou, e a debandada foi geral. Cada criatura arrumou um local para saltar fora dali, correndo e gritando e, acreditem, teve gente que sumiu e só foi encontrada um bom tempo depois, escondida sob a cama. O barulho, descoberto depois, foi um pedaço de bambu que se desprendeu e caiu. Aquele medo nunca mais nos abandonou. Quando a noite caía, vinha junto um misto de pavor do es-



curo e de ficar sozinho. Assim, os seres atávicos tomavam conta, e andar em bando era o melhor jeito de se proteger.

Cada um criou o seu fantasma. O meu era um jacaré, que morava debaixo da minha cama. Para poder deitar à noite, tinha que vir correndo e, a três passos, pular sobre ela, sob pena de ficar sem os pés. Em hipótese nenhuma se podiam colocá-los para fora das cobertas. Para levantar, o ritual era bastante parecido: ficar em pé e pular o mais longe possível. Ainda assim, a revista era feita. Vai que o danado de alguma forma teria conseguido tirar algum pedaço. Depois do exame, o alívio e a certeza de não estar manco e com os cinco dedos, que graças a Deus, continuavam fazendo parte de cada um dos pés!

O fato de fumar não causava controvérsias. Os estudos sobre os malefícios do cigarro ainda engatinhavam. Achávamos o máximo e era um atestado de afirmação e maturidade. Então, porque não fumar? Quem sabe seríamos vistos de outra forma e não como pirralhos. Fomos para dentro de uma touceira de cana-de-açúcar, que estava bastante seca, com tocos de vassoura em formato de cigarro, entre os dedos. Naquele tempo, a maioria das vassouras era feita de uma espécie de gramínea, e até hoje é encontrada. Como usavam somente a parte superior ou a parte onde ficavam os pendões, sobravam uns tocos duros e ocos, e foram esses que fomos fumar. Alguém tinha um fósforo e acendemos aquilo. A primeira tragada foi tão quente que quase queimou a mucosa. Continuamos, e o gosto era tão ruim que se formava uma água na boca, obrigando-nos a cuspir o tempo todo. Porém, ser adulto não devia ser tão fácil e continuamos. Alguém lembrou que a fumaça deveria sair pelo nariz. Mas como fazer? Quem sabe se engolindo-a surtiria efeito. Não funcionou. A vontade de vomitar aumentou e a cusparada também. De repente, o calor estava ficando insuportável... Não é que a touceira estava pegando fogo? Pulamos para fora e o cheiro de borralho, que impregnou no cabelo e na roupa, denunciaria o ato que não passaria despercebido pelas narinas de nossos pais. Então, fo-



mos sorrateiramente à “Venda”, onde havia um líquido que os homens passavam depois de feita a barba. Chamava-se Água-Velva. Pegamos um vidro e todos passaram o líquido pelo rosto e cabelo. Lembro-me de nossa tia passando por nós, olhando para trás e virada em nariz, com os orifícios tão dilatados que quase enxergávamos a faringe. A revista iniciou acompanhada de um questionário difícilíssimo. Sendo dia de banho ou não, sem dúvida, aquele foi um dia de rotinas quebradas.



# CAPÍTULO 19

---

## O mestre

Uma nova jornada teve início. Esta sim ia estabelecer regras, limites, e a palavra “Professor” vinha acompanhada de toda a simbologia tão necessária para esse ser estabelecer toda a sua maestria na arte de ensinar. Na nossa frente, encontrava-se um mestre, que respeitávamos e admirávamos e que dava continuidade com mais afinco aos valores que trazíamos de casa. Havia uma sintonia entre o professor e os pais, pois falavam a mesma linguagem.

Em nossa escola, Dona Leopoldina, havia somente uma sala, onde todos, do primeiro ao quinto ano, estudavam juntos com um só professor, o senhor Bruno Ivo Mattes.

Antes de entrarmos, uma fila era feita, os menores na frente e os maiores atrás. Mantínhamos uma distância do parceiro da frente, e a medida era o tamanho do nosso braço, que era colocado no ombro do outro. Muitas vezes cantávamos o Hino Nacional e só então entrávamos na escola. O professor ia à frente e nós, de forma ordeira, seguíamos atrás. Ai daquele que falasse. O silêncio era absoluto.

Muitas vezes penso sobre as atuais condições dos professores e uma pergunta surge: Onde está o erro? Se compararmos nossa educação com os países vizinhos, ficamos atrás da Colômbia e do Uruguai. Só para lembrar o ocorrido com uma professora que puniu um aluno por ter pichado a escola depois da pintura, fato que causou muita controvérsia. A pergunta fica sem resposta, e os valores onde ficam, quando a própria mãe vem em defesa do erro do filho? E a professora? Como fica a sua situação diante dos outros alunos? As consequências? Olhemos para al-



gumas escolas públicas e a resposta torna-se clara. Mas voltemos ao nosso tempo, pois o objetivo é esse.

Castigo! Existia, sim, e não fazia mal. Os pais entendiam que se o professor havia tomado essa atitude é porque havia sido necessário. A escola era o local onde começávamos a realmente nos socializar.

Foi na escola que aprendemos, também, a prática da negociação, que ocorria solta na hora do recreio em forma de escambo, entre os produtos negociados estavam: cucas com diversas coberturas, bolachas de mel e nata, roscas de polvilho e ovo cozido. Sentávamos do lado externo do colégio, em um banco com formato de U, quando passava alguém, tínhamos que parar de mastigar e cumprimentar os transeuntes. Um coral se formava: "Bom dia, senhor(a)...", junto voavam alguns farelos. Não tinha jeito! A saudação era obrigatória. Hoje entendo o porquê de o recreio ser sempre que possível em local aberto. Para tanto, basta pegar um ovo e ferver, descascar, colocar em um recipiente fechado à temperatura ambiente, durante umas quatro horas, então repentinamente abrir. Se um pote é quase mortal, imaginem uns dez sendo abertos ao mesmo tempo. O odor que emanava daquela coisa tão alva e com uma aparência tão inocente era algo inimaginável. Contudo, passado o momento do espanto, a troca iniciava. Alguns "fornecedores" eram sábios negociadores, o seu produto valia por três. Então, para comer aquelas maravilhas, tínhamos que arrumar mais dois parceiros para conseguir fazer a troca. Dessa forma, surgiu o intermediário na negociação. A lei da oferta e da procura era estabelecida e a inflação iniciava. Muitos conseguiam triplicar sua merenda e provavelmente o seu peso também.

Havia algumas práticas feitas pelo professor que deixavam a classe chupando os dedos. Era a revista. Começava pelas orelhas, passava pelo pescoço e descia para as unhas. Ai se estivéssemos com as unhas sujas. Começava, então, um ruído peculiar: o som de uma unha passando sob a outra, depois o da boca e da



língua se unindo para dar o toque final. Pronto, estavam limpas! Caso contrário, era pegarmos a régua e ir para o canto do castigo, ajoelhar sobre ela até que o professor achasse que esta já fizesse parte do nosso corpo.

Creio que até hoje o maior problema de certos professores é entender como a criança compreende certas coisas, principalmente quando são muito abstratas. Imaginemos naquela época, entender o que era uma fração. Só na teoria. Há tantas brincadeiras que podem ser feitas para mostrar o que é a metade de um grupo, ou de uma laranja, um terço, um quarto. Outro martírio era o “raio” do lado em que se colocava o pauzinho para formar o IX ou o XI em números romanos. O ditado era o verdadeiro pavor. Gente que rezava, só não chorava para não virar o “bun-dão” da turma.

Algumas vezes o professor nos levava para um local onde existiam muitas árvores, fazíamos piquenique e brincávamos principalmente de esconde-esconde. Lembro que numa dessas brincadeiras fui parar dentro de um tronco oco. Era o lugar perfeito, tinha até um furo, provavelmente um nó da madeira que havia caído. Estava quieta em meu esconderijo espiando pelo buraco, quando de repente algo se interpôs entre minha visão e a saída. Olhei e vi uma cobra. Estava em pé, com a boca aberta, bem na altura do meu nariz. Havia pisado no meio dela. Não sei como, mas acreditem, fui mais rápida que a cobra, que o professor e corri. Corri tanto que fui parar no portão, sem proferir um som. Para conseguir falar, foi um sufoco. Simplesmente não havia voz, até que as lágrimas começaram a escorrer e aos poucos o som veio e, quando este veio, saiu aos borbotões. Ninguém entendia nada. Passamos um bom tempo sem ir naquele local.

Diferentemente de hoje em dia, a escola era um local muito respeitado, território quase sagrado e o professor, o senhor Bruno Ivo Mattes, é lembrado com muito carinho até hoje.





# CAPÍTULO 20

## Planejar tentar capotar

**E**m 1962 ocorreu a primeira mudança significativa na nossa vida e nos nossos relacionamentos. Os mais velhos foram estudar na cidade grande, Lajeado, no Colégio Evangélico Alberto Torres, onde eram internos. Nossos pais e tios colocaram fim à sociedade, repartindo os bens e nós mudamos para nosso novo lar. Fomos morar em uma casa que ficava atrás da igreja e nossos pais cuidavam-na. Assim, novas coisas havia para ser conhecidas. O primeiro sentimento de perda em relação à menor criatura, meu primo Giovane, foi dolorosa. Como éramos os menores, nós nos protegíamos e acabamos criando um laço fraterno muito grande. Nossas casas ficavam próximas, mas o contato, as traquinagens, os olhares, que consentiam ou omitiam, faziam uma falta danada. De tanto andar meio sem graça e suspirando pelos cantos, ganhei um filhote de gato, o que amenizou o sentimento de perda. O bichano tornou-se meu companheiro. Aonde ia, lá estava ele. Pela manhã era acordada com as patas arranhando a porta do quarto para entrar e se aninhar um pouco aos meus pés, aproveitando para tirar uma soneca.

Uma nova palavra começou a fazer parte do nosso cotidiano: doença.

Continuávamos unidos e, quando nos encontrávamos, as brincadeiras eram ainda melhores, mas percebemos que um dos nossos tinha que ser protegido de todas as formas. Notávamos que, ao ser picado por qualquer inseto, ficava bastante inchado. Nas brincadeiras de correria, já não mais nos acompanhava. Veio o diagnóstico: insuficiência renal aguda; daí o sentimento de pro-



teção, solidariedade e cuidados redobrados. Nessa época não havia hemodiálise, muito menos transplante.

A vida é cheia de dicotomias. No caso em questão, o lado ruim era a doença, mas o sentimento de afeto e proteção tornou-se uma constante. A preocupação em estarmos sempre atentos para que nada ocorresse com ele gerou um senso de responsabilidade incomum no grupo.

Novas amizades foram feitas, bem como novas brincadeiras começaram a fazer parte do nosso dia a dia. A sapata e o esconde-esconde eram nossos preferidos.

Outros lugares nos renderam muitas histórias divertidas, como o potreiro, que virou pista de carrinho de rolimã. Via os maiores voando potreiro abaixo, e a vontade de também ir aumentava a cada dia. O medo, contudo, ainda estava em pé de igualdade com a vontade de aventurar. Veio a primeira descida. Antes, porém, todo o planejamento e explicações de como manobrar o eixo dianteiro do carrinho com os pés, onde ficava o comando. Empurrando o eixo da frente com o pé para a direita, o carrinho ia para esse lado, do mesmo modo para a esquerda. Explicações dadas, sinal de entendido com a cabeça, mãos na lateral do carrinho, para o corpo ficar sobre ele, um frio danado na barriga e veio o empurrão. A primeira impressão com o vento batendo no rosto foi de liberdade, mas, à medida que a velocidade aumentava, crescia a sensação de insegurança e medo. Por isso uma decisão maluca foi tomada: virar o eixo dianteiro repentinamente para qualquer lado tentando diminuir a velocidade, numa eminência do desastre. Rolei com o carrinho umas quantas vezes até parar. Não sabia onde estava. Completamente tonta, olhei para as pernas, estavam esfoladas, porém ainda faziam parte do corpo, e os cotovelos ardiavam. Tentei me colocar em pé. Tudo bem! Então, vi aquele amontoado de pessoas correndo e gritando. Deu tempo de sentar, e uma sensação de leveza começou a tomar conta, e acordei em casa. Todos ao meu redor perguntando como estava. Ainda tonta, prometi que ia tentar



novamente. A mãe olhou e a promessa veio: “tenta e você vai ver o que acontece”. A vontade de fazer aquilo dar certo era maior do que a ameaça. Então, vamos lá. Tantas vezes quantas forem necessárias. Depois de muitos tombos, devido à pista irregular, todos conseguimos, enfim, domar a técnica. O exercício era fadigante, pois tínhamos que subir com o rolimã embaixo dos braços até o topo, e de lá descer, o que era repetido até a exaustão. Tinha o seu lado bom. Todos eram magros; nessa época dificilmente as crianças eram obesas. A atividade física era intensa e fazer os temas à noite era um suplício, porque os cochilos eram frequentes e havia muita vontade de deitar, dormir e no outro dia começar tudo novamente.

Voltando à descida, ao final dela havia um córrego que tinha papel fundamental em nossa brincadeira, pois funcionava como freio e nos ajudava a parar antes da cerca de arame farpado.

Sempre dava confusão em casa, pois acabávamos molhados, e o jeito foi construir outro aparelho que chamamos de bicicleta de pau. Funcionou um bom tempo até que, numa descida, a roda da frente soltou e o tombo de quem estava sobre ela foi semelhante ao meu. Depois de girar no ar, cair e dar várias cambalhotas e sair com algumas escoriações, a brincadeira deixou de ser feita.



# CAPÍTULO 21

## Criação de girinos

O que passou a chamar a nossa atenção foi um poço desativado. Conseguimos arrancar umas tábuas que tapavam a abertura e, depois de jogar diversas pedras, descobrimos que havia água. Improvisamos, então, uma corda e um latão grande e algumas vezes fomos visitar o seu interior. O problema era a força que tinha que ser empregada para tal exercício. Havia um rolo de madeira com uma manivela. Pegamos uma corda nova. Pronto! Depois de bem amarrado o latão, foi a vez de o primeiro descer. Tanto para descer quanto para subir, a força necessária era descomunal. Assim, parávamos para descansar, e aquele que estava dentro do poço não queria saber dessa parte. Queria sair de lá a todo custo, pois iniciava um balanço que nos deixava em estado de paralisia total de tanto medo. Antes que alguma tragédia ocorresse, desistimos daquilo.

A lagoa dos girinos foi outra fascinação. Em dias de muita chuva, lá estava ela linda, limpa e cheia de girinos, que eram recolhidos em baldes. Assim, podíamos acompanhar seu crescimento até que a nossa mãe, num ímpeto de nojo e cara feia, os jogava fora. O desenvolver dos bichinhos era acompanhado pelo som do seu “canto”. Primeiro era uma sinfonia meio chorosa, lembrava vários nenês chorando. Existiam umas criaturas meio bobinhas que realmente queriam ir lá, achando que fossem bebês de verdade, que estavam passando frio e fome.

Os pais, por vergonha de explicar aos filhos como nasciam, inventavam histórias, dizendo que nascíamos no banhado. Para as pobres criaturas, esse provavelmente era o caldo fértil e universal que havia criado o mundo. Depois, com o passar do tem-



po, conhecemos a outra história de Adão e Eva, não bem como a Bíblia conta. Nesta, Adão era varão e Eva, uma mulher, primitiva, sem medos nem pecados. Então, a história muda um pouco, e a humanidade se fez. Voltando à sinfonia, depois do “choro”, começava um novo som, que impunha respeito. Eram os sapos! E destes tínhamos verdadeiro pavor, por isso o lago ficava abandonado. Já havia sido apossado pelos seus verdadeiros donos.

Depois dos carrinhos de rolimã e da bicicleta de pau, ainda tentamos reativar a descida na pista de grama, e vieram as banheiras de metal velhas. Passávamos cera na parte de baixo delas e muitas vezes descíamos em dois. O problema é que sobre elas não tínhamos domínio algum. Era sentar dentro e partir. Como chegaríamos lá embaixo, só Deus sabia. Muitas vezes rodávamos tanto que dava muita náusea. Era pior que o carrinho. Alguns meninos conseguiram dominar a técnica da descida, bastava o jogo com o corpo e os pés na frente. Porém essa brincadeira também logo foi abandonada.



## CAPÍTULO 22

### A comilança do “corpo e sangue de Cristo”

Tudo podia se tornar lúdico, inclusive o local mais sagrado: a igreja, para onde as pessoas vinham de diversas localidades para se reencontrar, falar de seus problemas e das suas alegrias. Tornava-se um imenso noticioso, visto que se ficava sabendo quem ia casar e por quê; quem havia fugido com o namorado, nada comum, mas que ocorria; quem havia morrido e o mais vergonhoso, quem estava grávida e não havia casado. Isso era falado de ouvido em ouvido e demorávamos em saber o que tanto cochichavam. Então, toda vez que tinha culto, nós ficávamos a par da vida dos outros.

A primeira lembrança da igreja era um muro de alvenaria, que deveria servir de proteção. Naquela época, proteção? Contra quem? Podíamos dormir de portas e janelas abertas. Ou, quem sabe, talvez fosse uma forma de delimitar o território sagrado, ou, ainda, para que nós tivéssemos lá no nosso inconsciente um aviso: aqui não! Se essa era a intenção, algumas criaturas não captaram essa mensagem, e o muro se tornou pista, muito estreita. Mas assim era melhor ainda, para a brincadeira de pega-pega, pois corríamos sobre o muro. A cada seis passos, havia uma torrezinha, facilmente transponível. Pulávamos. Além disso, havia a criatura que estava em nosso encalço. Se caísse, estava fora da brincadeira. O problema era cair em direção à rua. Além de ser eliminado da brincadeira, provavelmente estaria dentro do Hospital São Gabriel Arcanjo em Cruzeiro do Sul, e o pior, iria se confrontar com o Dr. Pereira. Depois do muro, havia um grama-



do com lajes de pedra, que formavam uma passarela a qual nos levava até a entrada da igreja. Ao entrar nela, o primeiro contato eram as cordas do sino. Como será que se puxava aquilo? Mais tarde, sem dúvida, deveria ser experimentado. Seguindo em frente, um corredor dividia duas alas de bancos e bem em frente o altar, imponente, onde havia uma imagem de Jesus Cristo crucificado. Lembro-me de ter perguntado a um dos membros mais velhos por qual motivo tinham que mostrar o Senhor crucificado, ao que me respondeu ser para nos recordar sempre de que ele havia morrido por nós e pelos nossos pecados. Imediatamente lembrava tudo que já havia aprontado e realmente tinha vontade de tirá-lo dali, limpar suas lágrimas e o seu sangue, pedir-lhe perdão e prometer, da forma mais convincente possível, eu dali para frente ao menos não lhe causaria mais problemas. Esse sentimento durava o tempo suficiente da permanência na igreja. Havia ainda uma bancada onde o pastor ficava e, atrás do altar, uma porta, que aguçava nossa imaginação, principalmente porque o pastor pegava uma chave. Era chaveada? Então, algo muito valioso existia ali e merecia ser investigado. Quando ele vinha de trás do altar, trazia na mão um lindo cálice, parecia ser de ouro, na verdade, era cobre. Trazia também umas bolachinhas brancas, as hóstias. Levantava o cálice e dizia: “aqui está o sangue de Cristo”, eu imaginava como poderia Jesus estar lá? Alguém falou; “Ele morreu há muito tempo”; então, o sangue provavelmente deveria estar estragado. Mas, em se tratando de Cristo, tudo era possível e, se o pastor o estava ofertando, é claro que poderia ser tomado. Em seguida levantava as hóstias e falava: “este é o corpo de Cristo”, silêncio e outra incógnita. Como aquelas coisinhas brancas poderiam ser o corpo de Cristo? Qual era a parte que tinha sido cortada para ser tão alva? Então, éramos canibais? Quanto horror! Para os que não haviam feito a confirmação, ou primeira comunhão, não era permitia a participação naquele cerimonial. Quantas vezes fomos averiguar se havia sobrado algum farelo e nada! A curiosidade aumentava a



cada culto. Na igreja havia ainda um púlpito, no qual o pastor subia. Acreditava que alguma coisa muito grave havia sido feita. Ele olhava para os participantes e falava de forma veemente. As pessoas concordavam balançando a cabeça e não tiravam os olhos dele. Muitas vezes, quando ele mostrava a Bíblia, eu imaginava: Vai arremessar em alguém, e rapidamente dava um jeito de me esconder atrás da mãe. Quando ele descia do púlpito, tudo voltava ao normal, e a tensão passava. Graças a Deus! Desta vez não havia jogado em ninguém, a cabeça de algum fiel havia sido poupada. Tomara que da próxima vez viesse mais calmo. Enfim, o recado tinha sido dado de forma clara e para mostrar que não iam pecar novamente, entoavam cânticos, para o pastor não voltar mais lá para cima e começar tudo novamente.

O teto da igreja era outro enigma. Tinha uma pintura com nuvens na qual Deus, vestido de branco, caminhava sobre elas rodeado de crianças e pombos. Alguém falou que aquele era o fim do mundo, para onde as boas criaturas iam depois da morte. Quando acabava o culto, íamos em direção à saída e via o meu pai tocando harmônica, na parte superior da igreja. Eu sentia um imenso orgulho dele. Meu pai, lá em cima, tocando e todos olhando. Na minha concepção, não havia músico melhor.

Voltando para a parte de trás do altar, era imensa a curiosidade que aquela porta trancada despertava; alguma coisa havia ali que merecia ser investigada, e não podia acabar de forma diferente.

Recebemos visita de uns primos de Três de Maio, cuja distância considerávamos muito longe: trezentos quilômetros. Na época, era uma distância considerável. Por isso, as galinhas tinham papel fundamental. Algumas iam para o sacrifício e viravam galinhas enfarofadas. Uma delícia, sem dúvida! As visitas sempre chegavam com algum farelo que denunciava a comilança. Era tão bom! Creio que algumas vezes se viajava só para comer.





Visita em casa, novidades sendo contadas e cada um querendo contar mais vantagens. Foi assim que veio a ideia de explorarmos uma coisa, que ao mesmo tempo nos excitava e nos enchia de medo. Explorar aquele cenário, aquele! Atrás do altar. O que tinha lá? Por que o pastor sempre chaveava aquela porta? O melhor de tudo é que os nossos pais cuidavam da igreja e a chave encontrava-se pendurada atrás da porta do quarto deles. Portanto, bastava afastar a porta e lá estava ela, grande e majestosa, bem na altura dos pés esticados até a última ponta dos dedos. Feito! Chave na mão, tínhamos que esperar o momento certo para iniciar a exploração, o que ocorreu no meio da tarde. Chegamos à igreja. A excitação era tanta que nos sentíamos meio enjoados, mas tínhamos que ir lá, ver *in loco* o que havia atrás daquele altar. Finalmente, lá estava à porta, e por alguns segundos veio-me à lembrança a porta do porão. Mas nada poderia deter-nos. E a imagem de Cristo crucificado? Tinha morrido pelos nossos pecados? E Deus, que tudo via? O que iria pensar? Paciência! A curiosidade era maior. Depois iríamos rezar muito e nunca mais repetir aquilo. No meio do burburinho, alguém deu a ideia de cobrirmos a imagem de Cristo, o que foi feito. Tiramos a toalha do altar, subimos nele e tapamos a imagem. Assim o pecado, quem sabe, seria menor. Aos poucos fomos criando coragem e entramos na parte de trás do altar. Tinha um cheiro estranho. Alguém lembrou que o pastor saía com o sangue e o corpo de Cristo e que o cheiro vinha disso, provavelmente. Novamente, veio à dúvida: estaria em bom estado? Então, vimos o corpo de Cristo - as hóstias - e o sangue - o vinho. O corpo de Cristo aos poucos foi sendo devorado. O gosto era insosso, e o pior: grudava no céu da boca, sendo necessário o dedo para tirar as grossas camadas que se formavam. O paladar não lembrava carne, no máximo nos remetia a uma leve lembrança de pão velho. Mas o sangue de Cristo ninguém quis experimentar. Estava lá dentro do cálice e tinha uma espécie de nata branca boiando. Perguntávamos, já que havíamos comido o corpo, porque não



tomar o seu sangue, pois o pastor ofertava para todos no culto? Então, não tive dúvida. Experimentei. O gosto lembrava vinagre e banana verde. A boca se contraiu, os olhos ficaram arregalados e as bochechas inflaram, até conseguir engolir o sangue de Cristo. Posso dizer que foi um misto de pecado azedo. Primeiro gole tomado, e o resto, como devoção, também deveria ser ingerido. Assim, o corpo e o sangue de Cristo foram consumidos na íntegra. As consequências do ato vieram primeiramente através de uma sensação conhecida, a mesma de quando tomávamos aquelas cervejas, porém a coisa foi se intensificando. Cada ser à minha frente criou uma cópia idêntica e algumas vezes conseguiam triplicá-la e perdi a noção de quantas pessoas estavam à minha volta. As pernas também não conseguiam andar em linha reta e pedi, por favor, que me levassem ao pátio da escola, que ficava em frente, lá onde tinha o banco do recreio. Precisava sentar com urgência em algum lugar bem ventilado. Uma aguinha começou a se formar na boca, cuspia e lá estava ela novamente. Assim, de cuspe em cuspe cheguei ao pátio da escola. Aquela água na boca foi aumentando e uma sensação de tontura total veio, e com ela, um jato azedo, que só poupou os ouvidos e os olhos, porque a boca sozinha não dava vazão. O nariz precisou vir em auxílio, como mais um canal de escoamento. Os olhos derramavam lágrimas e o estômago não parava de mandar sinais de que mais jatos viriam. Os pés atingidos de algumas criaturas eram o problema, e não sabíamos como voltar para casa. O que dizer? Veio à história de que alguém tinha comido um pedaço de galinha e havia passado mal. Pronto, bastava ir à Rural Willys, pegar um pouco de farofa e passar na roupa. Se daria certo, não se sabia. Não deu! A mãe, com o seu faro, que juntou ao meu bafo, prometeu que, depois que a visita fosse embora, o acerto de contas ia acontecer.

E as visitas se foram. Perguntas vieram e nosso tio Arnaldo Dumell levou a culpa. Quando vinha nos visitar, trazia uma xaropada chamada bitter, uma mistura de ervas e álcool. Jurava que fazia bem à saúde. A mentira, quase perfeita, teve sucesso



até o próximo culto. O ato e suas conseqüências ficaram claros. Lembro-me do olhar da mãe e dos outros presentes. A minha estatura diminuía cada vez mais e de repente me equiparei ao rodapé da igreja. Nesse encontro não houve nem corpo nem sangue de Cristo para ser ofertado aos cristãos. Quem teria sido o herege? Jurava que todos sabiam. E Jesus Cristo, sempre de olhos fechados, poderia, justamente naquele dia, abri-los e também me olhar. E Deus caminhando no teto? Não ousava olhar para cima. Tinha certeza de que havia descido das nuvens e que tinha parado bem atrás de mim, apontando o dedo e dizendo: Foi ela! A sensação de culpa demorou a passar e a igreja voltou a ser território sagrado, por algum tempo, não muito.

A comunicação através de batidas atravessou eras, e o sino é uma continuação disso. Tocá-lo era e continua sendo uma arte. Pelas badaladas, as pessoas sabiam o que estava sendo anunciado. Ao meio-dia havia o toque pausado, uma badalada de um lado e do outro de forma compassada. O mesmo ocorria às 18 horas, embora haja controvérsias; alguns diziam que o sino tocava de forma mais alegre, pois anunciava a hora do descanso. Aos domingos, o toque era festivo, as cordas eram puxadas com mais vigor e mais rápidas e isso transmitia um som de alegria. Quando alguém morria, o toque era um lamento. O sino era tocado de forma a bater somente de um lado, chamado de meia batida, conferindo um som que calava fundo e causava arrepios. Quem fazia isso normalmente era o meu pai. Durante a semana, algum aluno, com força suficiente para puxar e dominar as cordas ajudava no ofício de sineiro. Toda vez que o professor designava a um aluno a tarefa de tocar o sino, um sentimento de aflição e de também querer fazer tomava conta de todos. Tocar o sino requeria força, o que só descobrimos numa tarde.

A chave que havia sido colocada em outro lugar rapidamente foi descoberta e fomos novamente visitar a igreja, e lá estavam elas, as cordas. Era só puxar. Na primeira tentativa, nada aconteceu. Então, em dois, nos penduramos nas cordas e fomos ergui-



dos do chão e puxados para cima e da mesma forma devolvidos ao local de partida, como pêndulos, várias vezes, até conseguir dar uma badalada. O problema é que só saía meia badalada, ficando assim até cansar. Como esta indicava que alguém havia partido dessa para melhor, começou a chegar gente para ver quem seria, e novamente a confusão foi armada. Até explicar, era melhor sairmos dali até que a coisa toda acalmasse.



## CAPÍTULO 23

### Avó Maria a mãe de açúcar

**N**aquela época, minha avó materna, chamada Maria, começou a fazer parte ativa do meu cotidiano. Sempre dizem que os netos são os filhos de açúcar e era assim que me sentia. Havia uma cadeira na entrada da casa, na varanda, onde ela sentava. Encontrava-a sempre com um lenço na cabeça e lá me contava histórias de como havia conhecido o avô e como era a vida na época de sua mocidade. Quando casaram e fundaram a “Venda”, o meu avô ia de charrete a Porto Alegre fazer compras, e essas viagens duravam muitos dias.

Quando chovia eu ia para sua casa, porque com certeza ia ter pipoca com melado. A casa da avó tinha um cheiro que lembrava cravo. Servia de refúgio quando alguma coisa eu tinha aprontado e havia ainda um colo carinhoso que até hoje embala a lembrança. Lá existia uma gaveta mágica, onde eram guardadas coisas que só nós podíamos saber, como bolachas de mel, cravo e canela, uma delícia. Tinha também charque. Adorava ficar mascarando aquela carne durinha até cansar e aquele gosto salgadinho não acabava nunca. Foi numa tarde de chuva que perdi meu primeiro dente, na casa dela. Abri a gaveta, peguei o charque e, na primeira mordida, a dor foi como uma lâmina fina entrando na gengiva indo até o cérebro, e no pedaço da carne estava cravado o dente, que há dias estava como uma cortininha na boca. Bastava encostar a língua e ele saía, ou sugado, voltava ao seu lugar, desaparecendo no interior da boca. Assim, por estar pendurado só numa membrana, mil malabarismos podiam ser feitos, mas para arrancá-lo era um drama sem fim. Então, a fada do charque veio e deu um jeitinho no dente. O problema dali para frente foi a



pronúncia dos “esses”. Bem, porteira aberta, novas táticas foram inventadas. Era legal juntar cuspe na boca e bem na fresta, sob pressão, fazê-lo saltar o mais longe possível. Assim, teve início a competição de cuspe a distância. Era tantas vezes praticado até o lábio superior ficar dormente. Outra prática era engolir o ar e em forma de arroto soletrar as vogais. Isso também era repetido até doer a boca do esôfago.

Na casa da vó Maria tinha um cachorro, muito brabo, que ficava amarrado a uma corrente, esta se estendia pelo pátio todo, e o cão podia se deslocar. Calculávamos o tempo para passar correndo sem que ele nos pegasse. Éramos tão insistentes que lá pelas tantas o cachorro cansava e entrava em sua casinha não mais prestando atenção em nós. Quando a avó o soltava, ficava de guarda ao lado dela. Ninguém chegava perto. Lembro-me dela indo tomar comunhão, e o cão seguindo-a ao altar. Ela tinha dificuldades em andar devido à artrose e, mesmo assim, ele a acompanhava.

Foi para ela que contei sobre um moço que achava muito bonito. Existia um porém o pretendente a namorado deveria ter uns vinte cinco anos a mais. Então, eu o namorava, do contra, pois ele não sabia do nosso namoro.



# CAPITULO 24

## O namorado do contra

**E**mbora a sociedade com o meu tio houvesse se desfeito, continuávamos ajudando nos Kerpes. A produção de cucas, roscas de polvilho, linguiça e pastéis começava uns três dias antes. A única exceção era o chucrute, que tinha de ser feito quinze dias antes, para ser consumido no dia da festa.

A primeira junção ocorria, então, para fazer a “sauerkraut”, ou chucrute. Cabeças de repolho eram lavadas e cortadas em tiras bem finas, depois colocadas em uma bacia grande e esmaltada, tudo misturado com muito sal. A seguir, começava o processo de colocação do repolho em vidros previamente fervidos e tudo tinha que ser bem compactado. Depois de preenchidos, uma folha de parreira bem lavada era colocada sobre a conserva e em cima dela, um seixo pesado o suficiente para, na hora da fermentação, o conteúdo não subir. O repolho tinha de ficar sempre imerso, para não estragar. Os potes não podiam ser tapados e panos de louça eram colocados como proteção. Ao passar dos dias, ia ocorrendo uma alteração na cor. Quando ficava bem claro, era sinal de que podia ser consumido.

Servia-se o chucrute *in natura*, com linguiça cozida e cuca, porém a receita mais apreciada era o refogado, feito da seguinte forma: fritar alho e cebola a gosto, depois acrescentar o chucrute, dar mais uma fritada, colocar passas de uva branca e farinha de trigo dissolvida em vinho branco para engrossar.

Tínhamos ainda uma receita de pastel apreciado por todos. Os ingredientes: uma porção de carne de gado e igual proporção de carne suína. Estas deveriam ser bem fritas. Depois, acrescidos alho e cebola, sal a gosto e novamente fritar até a cebola ficar



dourada. Acrescentava-se um pouco de farinha de trigo e deixava-se dourar mais um pouco, colocando um pouco de água, para ficar um recheio úmido. Por último, complementava-se com salsa, cebolinha verde e ovos picados, mexia-se para misturar tudo. Ficava uma delícia!

A festa tinha início na sexta-feira à noite e só acabava no domingo. Assim, conheci o primeiro namorado. Foi amor à primeira vista. Lembro-me de entrar no salão e ver os músicos arrumando seus instrumentos. Então, surgiu aquele ser, moreno de cabelo encaracolado. O meu olho não queria mais ver outra coisa. O coração acelerou e no lugar do estômago havia algo que não conseguia definir, era uma sensação gelada. Então, cheguei a uma conclusão óbvia: o amor começa pelo estômago, faz o coração disparar e por último atinge a cabeça criando uma sensação de paralisia dos neurônios. Quando os músicos começaram a tocar, foi o pistom mais lindo que já havia escutado. Estavam sobre o tablado, que era cercado em um dos lados e foi lá que fiquei pendurada, mal podendo me segurar. Não arredei pé nem olho e, quando me olhava e sorria, quase ficava histérica. Houve o momento mágico: a piscada. A sensação foi indescritível! O problema foi ficar naquela posição, braços, mãos, dedos, tudo estava formigando de tanto ficar estática.

Passada a noite mágica, no outro dia, analisando a silhueta que se desenhava no espelho, vi que, para chamar atenção, algumas coisas deveriam mudar.

As mulheres tinham seios e cintura, no entanto, lá estava uma figura com pernas compridas demais, joelhos grandes, tudo muito magro, e o pior: na frente nenhum volume. Então, laranjas e sutiãs da minha irmã entraram em ação. Pronto, ao menos tinha ficado um pouco melhor, mas só isso não bastava. Tesouras, linhas e agulhas entraram em ação, e viva a customização.

Minha irmã, sete anos mais velha, estudava no Colégio Alberto Torres, em Lajeado. Quando ela vinha passar o fim de semana em casa, revistar as roupas da sua mala era uma festa. As





peças eram devidamente analisadas e separadas para a prova e futuras transformações. Os vestidos e os sapatos de salto, as blusas, o batom, tudo era encantador, porém um pouco grandes e tudo diminuía drasticamente de tamanho, tanto nas mangas, como na largura e comprimento.

Lembro uma vez em que vi uma dançarina rebolando com uma saia franjada; aquilo foi o despertar de algo atávico. Vi-me na mesma situação, dançando na frente dos músicos, ao mesmo tempo em que olhava para trás e podia ver o olhar de aprovação dele. Isso durou o suficiente até o espelho devolver a imagem e o cérebro tomar consciência da figura que ali se encontrava. Pesquisando nas roupas, descobri uma saia do tipo *underware*, que chamavam de anágua. Não sei por que usavam aquilo, mas que dava para fazer algo semelhante ao que a dançarina usava, ah! Isso dava. Tesouras picando e cortando. Pronto, lá estava a saia em tiras que cooperaram, pois se enrolaram ficando fininhas. Era só colocar e começar a sacudir o quadril, mas como ele era muito fininho, com duas sacudidas, a roupa saía da linha da cintura e ia parar na pélvis; era necessário abrir um pouco as pernas e flexionar os joelhos para ela não cair. Assim, mais ajustes se faziam necessários, como puxar o elástico, dar um nó, e o balanço podia continuar.

Os sapatos de salto alto enviaram uma mensagem direta ao cérebro através da retina, e um amor repentino se estabeleceu. Lógico que também foram experimentados. Porém o nome do salto deixou certa curiosidade momentânea: Luís XV. Mas por que Luís XV? Não deveria ser Luísa, por ser sapato de mulher? Tempos depois descobri o motivo do nome. Enfim, ele realmente aumenta a estatura. O reflexo no espelho novamente era instigante: será que aquele ser moreno ia olhar para mim? E a coragem de ir lá vestida daquele jeito? Não deu. Minha mãe descobriu a customização e tudo acabou de um jeito bem conhecido. Novamente na frente do espelho se encontrava um conjunto de orelhas, nariz, pescoço comprido, nada na frente, quer dizer, o



volume estava no lugar errado, na barriga, pernas com muitos joelhos, que eram tão grandes que pareciam dois. Um ar de frustração no rosto apareceu.

Veio o último baile em que vi o “meu” namorado. Havia ganhado um vestido novo com laço na cintura e um sapato tipo boneca, de verniz. Como ele tinha que tocar, dancei com uma amiga até gastar o verniz do bico do sapato. Dançamos o tempo todo bem na frente da orquestra até chegar o intervalo dos músicos, quando foram lanchar. Para minha surpresa, tinha uma moça sentada ao lado dele. A pergunta vinha: Quem era aquela sirigaita? Em seguida ele me chamou e disse as palavras fatais: “esta é minha namorada e essa, apontando para mim, é a criança mais bonitinha do baile”. Criança! Como assim? Já tinha cinco anos e ele, era meu namorado. Lá vieram a primeira dor no coração, a primeira decepção amorosa, com choro e tudo mais que as mulheres mais passionais fazem, inclusive com ameaça de morte, não minha, mas dela. Durante dias houve o planejamento de como fazer, até que a dor foi passando e outras coisas foram acontecendo.



# CAPÍTULO 25

## “Torpeidos”

Fomos fazer uma visita aos avós paternos, que moravam no interior de Lajeado, mais especificamente em Conventos. Naquela visita encontramos os primos de Três de Maio e foi uma festa. O avô tinha uma olaria e brincamos muito com a argila amassada dos tijolos.

A comida que a avó fazia era uma delícia, massa com galinha caipira ao molho e aipim. Ela sabia também que tinha um prato predileto e esse sempre estava presente em nossas visitas: beterraba com ovos cozidos, que eram temperados com sal e vinagre e ficavam submersos, fechados em um vidro por aproximadamente uma semana. Provavelmente ao abri-lo, depois desses dias, havia uma pequena explosão atômica. Muito tempo depois descobri que esses ovos se chamavam torpedos. Ou seriam “torpeidos”? A mágica acontecia, e o ovo ficava da cor da beterraba e deliciosamente agridoce.

Lembro-me de ter comido muito e em seguida ir brincar de esconde-esconde, quando uma sensação de desconforto começou a acontecer. Mas a brincadeira não podia parar, o banheiro podia esperar. A barriga, por sua vez, doía cada vez mais e fazia um barulho capaz de denunciar o esconderijo. Estava atrás do armário da minha avó e, lógico, fui descoberta, se não foi pelo barulho, deve ter sido pelo odor, pois a coisa realmente estava séria. Então empurraram o guarda-roupa e fiquei entalada contra a parede. Para quem já estava num estado, digamos deplorável, a coisa ficou ainda pior. A limpeza teve que ser efetivada em todos os sentidos. O pior foi sair do esconderijo e dar com aquelas carinhas olhando e rindo.



O bom de ser criança é que tudo rapidamente é esquecido, a alegria em seguida toma conta e a brincadeira novamente inicia. Na hora da despedida, ficou combinado que iríamos nos encontrar, em breve, em Três de Maio.



## CAPÍTULO 26

### A saga! a “viaje” a Três de Maio

Passado um tempo, fomos visitar nossos primos. Era uma viagem muito longa, por isso ia a galinha para o sacrifício. Íamos de Rural, tinha que ter tração nas quatro rodas, porque asfalto não existia e a estrada era uma aventura. Achávamos nosso pai o melhor motorista do mundo. Não tinha barro, só o braço dele, e lá fomos nós. De alguma forma a árvore onde brincávamos vinha seguidamente à lembrança. Sobe e desce morro, lá vinha à curva novamente, junto vinha também uma imensa vontade de vomitar. Esse andar em zigue-zague causava uma sensação de tonteira absurda e fisiologicamente o estômago avisava, através da saliva, que algo muito amargo estava subindo pelo esôfago e que uma janela deveria ser aberta imediatamente, para que o líquido fosse expelido para fora do carro. Juras de morte ocorriam contra os patroleiros, que achávamos ser os responsáveis por aquelas curvas infernais. Lembrava da época, na bergamoteira, em que tinha o meu ônibus e transportava aqueles passageiros, que também vomitavam. Quando chegávamos, estávamos “esgualcados”. A bunda doía de tanto tempo que passávamos sentados e dos solavancos da viagem, mas o que mais queríamos era continuar sentados, depois daquela maratona, pois as pernas ficavam um tanto trêmulas, e as novidades eram tantas que levava um tempo para colocar tudo em dia.

Três de Maio para nós era uma cidade que causava uma sensação de metrópole, e tinha umas coisas que, até hoje, juro, lá foram descobertas e que gradativamente se espalharam pelo planeta. Acho até que eles deveriam receber *royalty* da Coca-Cola. Sim, porque naquele tempo, isso faz uns bons cinquenta



anos, depois de colocar as fofocas em dia, minha prima Ivete convidou-me para tomar “cocal”. Pasmem! E experimentem, é a novidade das novidades, garanto que ninguém nunca tomou. Cocal é: Coca com gelo e limão. Muito fácil? Não consigo entender como não descobriram antes.

Outro ser que chamou nossa atenção na casa da tia Amélia foi um mico. Havia uma árvore onde ficava a sua casinha, bem na copa. O bichinho ficava amarrado a uma corrente, para não fugir, porém conseguia deslocar-se com facilidade e lembrava uma criança fazendo peraltices. Nossa tia Amélia contou que, logo que o macaquinho chegou, ela foi lavar roupa, e ele acompanhava tudo. A tia tinha um hábito, aliás, era assim na época: ensaboava a roupa, aguardava um tempo e depois batia com uma prancha. Era só enxaguar e torcer. E o mico ali olhando tudo. Eis que, na manhã seguinte, os tios foram acordados com batidas do lado de fora. Quando foram olhar, lá estava o bichinho com toda a roupa no chão, que havia sido deixada no varal, procedendo a lavagem à sua maneira, dentro do seu cocho de água. As peças eram molhadas no seu “tanquinho” e depois batidas sobre a tábua do tanque, e novamente jogadas sobre o varal.

Os primos contaram que o bichinho tinha verdadeira loucura por pão com nata e açúcar. Então, ficávamos a uma distância calculada, para que o mico não conseguisse nos alcançar e estendíamos o pão. Ele descia da árvore e vinha salivando para pegá-lo. A corrente, não sendo longa o suficiente, puxava-o para trás, fazendo-o cair. Para nós era pura diversão. Lembro que nos atirava pedrinhas e fazia umas carinhas muito brabas. Porém a vingança não tardou. Numa brincadeira de esconde-esconde, não me lembrei do animalzinho e passei correndo por baixo da árvore, para entrar em uma despensa. Antes, tive que destravar uma taramela para abrir a porta. Dei o primeiro passo e em seguida senti umas mãozinhas segurando minha perna. Olhei para trás e com horror vi aquela carinha me mostrando os dentes e cravando-os na minha panturrilha. Foi um misto de pavor e mui-



ta dor. O bicho não largava minha perna nem abria a boca. Foi uma gritaria generalizada. O tio Arnaldo teve que vir e abrir a boca do macaco, para que soltasse minha perna. Fiquei com uma mordida que rendeu muita história para contar, pois eu era a única que tinha a marca do mico. As outras se tornaram comuns, insignificantes.

Começamos a frequentar bastante a casa dos nossos tios. Numa dessas visitas fomos acampar na represa do Passo Real, na propriedade dos Goulart, em Fortaleza dos Valos. Era tudo muito divertido. Armamos as barracas, fizemos um local para cozinhar; depois colocamos a canoa na água, arrumamos os espinhéis e os anzóis só na espera de os peixes físgarem a isca e comeremos o maravilhoso ensopado de pintado que só o tio Dumell sabia fazer.

Nosso tio tinha uma noção de ecologia admirável para a época. Ao levantarmos acampamento, tudo deveria ficar da forma como estava. Garrafas, plásticos, tudo era ensacado e levado de volta. O lixo orgânico era enterrado e, para fazer as necessidades, um banheiro era improvisado da seguinte forma: pegava-se uma cadeira de palha, da qual só ficava a armação, cavava-se um buraco e estava pronta nossa “casinha sanitária”, lembrando que geralmente era fechada com lona. Porém o tio era meio “campestre” e tinha uma cadeira só dele, a qual era colocada dentro do mato, da mesma forma que a nossa, porém sem a proteção da lona. Numa das vezes em que fomos juntos, armou a dele perto de um barranco e nossos primos, que de santos não tinham nada, iam espiar a “obra” do pai. Todos sabiam que, ao pegar o jornal ou alguma coisa para ler, pela parte da manhã, era chegada a hora. De forma discreta, sem ele perceber, o seguiram. Após viuha a história de que, depois de feito o serviço, havia uma olhada de orgulho, nostálgica, para aquilo e comentários solitários eram feitos. Numa manhã, deixaram-no sentar e silenciosamente colocaram uma tábua debaixo da cadeira. Acabada a obra, puxaram a madeira e fizeram sumir tudo. Dizem os primos que, ao olhar e



não ver absolutamente nada, exclamações de espanto aconteceram, com a cruel dúvida da certeza de ter feito algo e que havia desaparecido, evaporado.

Quando ele voltou para o acampamento, sua expressão não deixava dúvidas. Alguma coisa havia acontecido que ele não sabia explicar. Nós já sabíamos da história e ninguém conseguiu ficar sério. Não preciso dizer que mil coisas voaram em direção aos primos.

Numa das noites, acordamos com o tio gritando e levamos um susto muito grande. Disse que estava sonhando com um cachorro que lambia seu rosto e, nesse meio tempo, acordou e realmente havia uma coisa grande cheirando-o. Aos poucos começou a apalpar aquilo e tocou em um focinho grande e molhado. Foi quando acordamos com o grito: Vaaaa! No local onde ficávamos em um potreiro, havia gado, mas dificilmente os bichos chegavam perto. Nessa noite, porém, a curiosidade da vaca foi maior.

Nossos parentes sempre acampavam nas terras desses amigos e no domingo, antes de levantar as barracas, era feito um churrasco de cordeiro com muito chope, do qual todos participavam. Minha prima estava parecendo uma menina da idade da pedra, aliás, isso se aplicava a todos. Seu cabelo meio maçaroca, com um pedaço enorme de osso na mão e com bastante chope na cabeça. Ela pediu para que a acompanhasse ao banheiro. Fomos. Não houve tempo de chegar. Apressada, tirou a parte de baixo do biquíni e ali, no meio do mato, acorou-se, e o pior: pediu que a segurasse, pois o equilíbrio havia saído e a bebida, entrado. Como não havia condições, falei para ela segurar uma ponta do osso que eu seguraria a outra ponta. Era um sacrifício insuportável, e, como já estava ficando roxa de não respirar, soltei-o e ela sentou. O resto é só imaginar. Para que não houvesse reclamações, tínhamos que enterrar aquilo.

Antes de sair, tudo deveria ser enterrado e limpo, como já havia comentado antes.





## CAPÍTULO 27

### O abraço que afaga a memória

**E**ntão, ocorreu a mudança definitiva: mudamos para o norte do Rio Grande do Sul. De Boa Esperança, fomos morar em Água Santa.

E a primeira pergunta ocorreu. Água Santa! Por quê? Era devido a uma gruta da qual vertia água. Conta a história que muita gente, ao ingerir, lavar feridas, ou mesmo deficientes visuais, ao fazer uso da água, milagrosamente eram curados.

A mudança aconteceu em função de uma ervateira que estava à venda, do senhor Teodoro Rech e seu filho, Dino Borella Rech. Meu pai, Evaldo Lermen, e seu sócio, Hélio Nyland, compraram e a registraram em 1966 com o nome de Ervateira Rech Ltda. Abro um parêntese sobre o porquê de deixar o nome Rech. Primeiramente, era um nome conhecido e de muito respeito; segundo, como forasteiros, havia o medo da rejeição de nova logomarca. Assim, durante muitos anos a erva-mate Rech foi vendida em todo sul do Brasil.

Voltando à mudança, lembro-me da avó Maria. Separar-me dela foi até hoje uma das coisas mais tristes. Recordo do andar balouçante, amparada na bengala e o eterno lenço na cabeça, caminhando com muita dificuldade em nossa direção. Trazia no rosto o que eu sentia no coração. A sensação era de perda. Abraços muito apertados e muitas lágrimas rolando pela face. Sabia que seria difícil vir visitá-la e não queria deixá-la só. A lembrança do afeto e do abraço é tão envolvente que se eternizou, porém a vida tinha que seguir o seu curso.

Também havia meu gato, não pude levá-lo. Sempre diziam que os gatos se afeiçoam à casa, não ao dono. Penso que em mui-



tos casos isso não confere, pois o meu ficou aos cuidados do meu primo e em duas semanas não resistiu a saudade, morreu. Meu primo mandou uma carta dizendo que o gato não queria mais comer e que foi ficando pelos cantos, isso quando não tinha que buscá-lo na casa onde morávamos.

Saímos pela manhã e viajamos o dia todo, até chegar ao destino, Água Santa, na época, distrito de Tapejara.

Deparamo-nos com um povoado que já tinha um traçado, com ruas definidas e com uma praça central, onde tudo gravitava em volta, como, por exemplo, os bares ou bodegas. Havia muitos, bem como três armazéns: das famílias Rech, Romã e Daneli. Para o tamanho de Água Santa, eram todos de bom porte. Ainda, uma igreja de madeira, com o campanário ao lado de fora. A casa do padre Darcy Zanolla ficava nos fundos da igreja. No geral, a palavra do padre representava uma ordem. Havia alguns, poucos na verdade, que tinham a ousadia de bater de frente e quando isso ocorria, havia o sermão na missa domingueira e todos aprendiam, mais uma vez, que ousar contra a autoridade local não era uma boa tática. A rodoviária disponibilizava duas linhas de ônibus, para Tapejara e Passo Fundo, e tinha como proprietário Agostinho Panisson. O Colégio Santa Inês, que ficava no alto da coxilha, atrás da igreja, pertencia às irmãs da Ordem Salvatoriana. A farmácia, de Avelino Julio Pimentel, e, a uma quadra da praça, ficava a sapataria do “tio” Vino Peruzzo e da “tia” Ombelina.

A primeira impressão foi de aconchego. A vila cercava-se de coxilhas e tinha ainda o morro do Nono David, imponente, que viria a ser de grande utilidade para os aficionados em futebol e novelas. As casas, na maioria, eram de madeira de pinheiros.

Outro fato que despertou nossa curiosidade foi a área indígena, denominada Posto Indígena Carreteiro, formada por índios Kaingang. Até então, só os havíamos estudado em livros e lá estavam eles. Podíamos vê-los, falavam uma língua estranha. Fantasiávamos que íamos encontrá-los com arcos e flechas. Mas



não! Moravam em casinhas de madeira, bastante rústicas e usavam roupas. Tinham uma cor dourada, com cabelos muito lisos. Não iam muito à vila, pois havia restrição em sua saída da aldeia. Eram subordinados ao cacique, que, por sua vez, recebia ordens de um representante da FUNAI.

O que realmente causou surpresa foi a falta de energia elétrica, e, em consequência, sem banho de chuveiro e sem TV. Aliás, estou faltando com a verdade, pois existia energia obtida por meio de uma roda d'água da família Dorini, que, além de fornecer luz para a vila, também movimentava o moinho que ficava ao lado. Neste, moía-se o milho em rodas de pedra, "mós", e dali saía a principal farinha de milho para fazer a polenta da região. Voltando à questão da luz, esta era bastante fraca e desligada entre 22 e 23 horas. A roda tinha uma limitada capacidade de fornecimento de energia e, conforme o consumo aumentava, diminuía a intensidade da luz. Quando o senhor José Dorini ia dormir, desligava a chave e a cidade ficava por conta de lampiões, liquinhos a gás, que produziam uma luz mais intensa, além das conhecidas velas. Com essa iluminação, as mãos entravam em ação e produziam, contra a parede, figuras como coelhos, cachorros e outros bichos que conseguíamos criar com a formação das sombras bruxuleantes. Assim, se criava uma atmosfera ideal para contar histórias de fantasmas e bruxas, que depois nos acompanhavam até a cama. Qualquer barulho era um convite para levar o colchão para o quarto dos pais.



## CAPÍTULO 28

### O “pão” que era “pom”

**P**ara nós, tudo era novo, a começar pela cultura. Fomos a segunda família alemã a se instalar no povoado; a primeira que se estabeleceu foi a do senhor Arnaldo Iohjan. A descendência italiana predominava no vilarejo.

Conhecemos um povo que falava e gesticulava muito. A impressão é de que conseguiam se comunicar somente com as mãos. Os gestos eram amplos e o sorriso farto. Fomos muito bem recebidos, e, com alguns tropeços no sotaque, tanto nosso, quanto deles, estabelecemos uma cordial relação, que perdura até hoje, com muito carinho. Embora não tenha nascido em Água Santa, considero-me água-santense de coração, alma e estômago. Explico: conhecemos outro tipo de comida como lasanha, polenta, tortéi, radiche com torresmo e sopa de capeletti. “Ma Dio Santo”, tudo era muito bom.

O problema do sotaque rendeu muita risada. Da nossa parte, tínhamos dificuldade, sobretudo, em diferenciar o “b” do “p” e o “d” do “t”. Assim, convidar o pessoal para jogar uma partida de cartas chamada pife era uma coisa um tanto maluca. Provavelmente nos achavam loucos, pois diversas vezes o convite para jogar “bife” foi feito e não aparecia ninguém. Até que alguém perguntou onde iríamos jogá-los, e essa pergunta teve uma série de interpretações. Como era jogar aquilo? Ah! Jogar bife é muito “pom”. Pom? Aí a confusão foi geral. Enfim, nunca sabia se comia pão ou bão e esse como estava? Estava muito “pom”, ou seria bom? “Pem, pom, teixemos isso para lá”. Enfim, depois do entendimento, as pessoas vieram e começamos a confraternizar. Outros jogos que logo foram assimilados e passaram a fazer par-



te dos “filós e serões” foram a escova e o truco. Nas bodegas era a vêz da “mora”, uma disputa com os dedos.

O problema do outro lado era principalmente com a pronúncia dos “erres”, ou da falta deles.

Falando sobre “fazer filó”, na primeira vez que fomos convidados, não tínhamos a menor ideia do que teríamos pela frente. A palavra era incômoda, achávamos que estávamos sendo convidados para fazer algum tipo de renda. Qual não foi a surpresa, quando chegamos à casa da família Sabedot, fomos recebidos com vinho doce e experimentamos o “sugo”, creme feito com o mosto da uva. Os homens foram jogar baralho e as mulheres ficaram na cozinha conversando enquanto nós brincávamos de esconde-esconde. Na hora de ir para casa, ainda ganhamos uma cesta de uvas. Assim, “fazer filó” era uma delícia.

A primeira casa em que moramos tinha um avarandado em toda a parte frontal, uma sala ampla, três quartos, uma cozinha com sala de jantar, a necessária despensa, um banheiro, sem vaso sanitário e, claro, sem chuveiro. Meu pai improvisou um latão grande e nele foi adaptada uma espécie de ducha no fundo. Havia a necessidade de aquecer a água, encher o latão, que era suspenso por uma corda e uma roldana. Tínhamos que controlar o gasto, para que não acabasse enquanto estivéssemos ensaboados. Tudo deveria ser muito rápido. Descobrimos, ainda, que Água Santa era bem mais fria, e o banho era um suplício.

No banheiro, para a água escoar, havia uma espécie de ripado de madeira separada, onde o vento penetrava por baixo e saíamos batendo queixo. A propósito, novamente voltamos à era da “patente”, que ficava atrás da casa, escondida no meio do milharal.

Na parte baixa da vila, nos dias muito frios, os fogões à lenha e a pressão barométrica alta provocavam um fenômeno que parecia uma neblina. A fumaça não se dissipava, e o cheiro, à tardinha, da mistura de vários tipos de madeira, principalmente pinho, emanava um aroma que não era incômodo, muito pelo



contrário, era envolvente e aconchegante lembrando que o inverno estava chegando. Nessa mistura de aromas, havia um que indicava que a hora do jantar estava próxima: o delicioso cheiro da polenta brustolada.

Na frente da casa onde morávamos havia um campinho de futebol e, avançando mais, um banhado, que à noite tornava-se palco de uma linda orquestra de pererecas. Depois, um córrego onde, em tanques comunitários de madeira, a água corrente passava sempre limpa, as mulheres lavavam as roupas. Neste riacho havia um local mais largo, formando um laguinho, que era a nossa “piscina” natural. Para chegar ao local no qual tomávamos banho, tínhamos que atravessar uma valeta d’água suja, onde, providencialmente, havia um pé de chorão. Vínhamos correndo e nos agarrávamos aos galhos e esses nos largavam do outro lado. Às vezes o cálculo não era bem feito e muitos tombos ocorriam. Então, mesmo barrenta, o melhor era cair dentro da valeta, para que não ocorressem maiores escoriações. O problema acontecia quando não conseguíamos chegar do outro lado e ficávamos num balanço até os braços aguentarem, e quando não podíamos mais, o tombo era certo.

Ficamos um bom tempo morando lá, enquanto a nossa casa era construída.



# CAPÍTULO 29

---

## Escola Santa Inês

Vieio o primeiro dia de aula, e com ele o primeiro confronto. A lembrança da chegada, com muita timidez, e dos meninos formando uma roda à minha volta entoando uma canção: “Alemão batata come queijo com barata”. Não sabia se saía para briga (avaliando o número de meninos à minha volta, não era a melhor opção), ou se sentava e chorava. Foi então que apareceu uma menina e me tirou daquilo; havia arrumado a primeira amiga, Marília Faedo.

Olhei o prédio e tive a dimensão do tamanho. Era enorme para quem tinha vindo de uma escola com uma só classe e um só professor. Nele, havia uma sala de aula para cada turma e vários professores: o professor Martim Peruzzo, Helena Léa Peruzzo, Cláudio Benvegnú, Calixto Mezzomo, a professora Martinha e as irmãs, Beatriz Gotardo, que era a Superiora, e Maria de Lourdes Zaffonato, entre outros, que nos deixaram um pouco deles nos ensinamentos que passaram. Chamava-se, como já foi registrado, Escola Santa Inês.

Mais diferenças teriam que ser administradas. Como era um colégio católico, o fato de não saber os ritos da religião criaram algumas situações divertidas.

Numa determinada manhã, todos levantaram e em fila, com as mãos postas, um ar de quem nunca tinha feito nenhuma traquinagem, dirigiram-se a uma “casinha”, que chamavam de confessionário. Fui também. Sentidos todos aguçados, pois tinha vergonha de dizer que não sabia o que era. Então, cuidei o que cada um fazia. Ajoelhavam-se e faziam o sinal da cruz e cochichavam com alguém. A curiosidade aumentava cada vez



mais. Por que havia uma treliça na frente? Quem estaria lá dentro? Não tinha a menor ideia. De uma coisa, porém, tinha certeza absoluta. Era alguém que “metia” medo nos outros. Descobri logo! Ao chegar minha vez, ajoelhei-me, fiz o sinal da cruz, como todos haviam feito e fui chegando perto, olhos e ouvidos totalmente atentos a qualquer movimento. Tentei espiar para dentro, quando ouvi alguém perguntar muito irritado: “Vamos não tenho a manhã toda, o que se diz”? Pensei, “desculpa”? “Estou indo embora”? Com vontade de chorar fiquei como estátua. Depois do susto, mesmo que quisesse falar, a gagueira ocuparia o som das palavras. Ouvi uma porta abrindo e saiu de lá o padre. Olhou para baixo e lá continuava eu de joelhos, me sentindo tão pequena como da vez da comilança das hóstias. A pergunta foi feita. Quem era eu, se não sabia o ritual. Bastou isso para ser vista como herege. Morria de medo de ir para o inferno por não ser católica. Dessa forma, conheci pessoalmente o padre Darci e nunca mais cheguei perto do confessionário.

No colégio havia uma ala misteriosa, que despertava imensa curiosidade. Ninguém podia passar daquela porta onde a palavra CLAUSURA estava escrita, e sobre ela, um crucifixo. Diversas elucubrações foram feitas, sobre o que havia ali dentro, até que alguém informou que era o quarto das freiras. A curiosidade foi imediata. Mais informações tinham que ser obtidas. Como eram as camas? Tábuas no chão? Camas com colchões de palha? Enfim, todos diziam que elas haviam feito votos de pobreza, não podendo ter bens materiais. A mente infantil imaginava um tipo de cela. A curiosidade nos levava constantemente para aquela porta. Até que, num ato de bravura, decidimos que iríamos entrar. O que aconteceria depois era um problema que naquele momento não tinha a menor relevância. O coração batia forte, tínhamos medo de que o barulho nos denunciasse. O que encontramos foram camas simples, com uma cômoda ao lado e um guarda roupa com duas portas. Estávamos tão entretidas olhando e cochichando que não notamos a presença da direto-





ra, a superiora Irmã Beatriz. A pergunta foi feita: “Mais alguma coisa para olhar”? O susto foi tão grande que engoli uma laranja inteira, e ela teve de intervir em meu socorro para não morrer sufocada. Passado o susto, as risadas foram muitas e a admiração por ela dobrou.



# CAPÍTULO 30

## Os pretendentes

Depois de certo tempo e já estabelecidos, nosso irmão veio nos visitar. Fazia parte da Força Aérea Brasileira, era tenente. Chegou fardado e estava com a musculatura bem definida, fez sucesso entre as garotas. Minha irmã também arrumou um ser interessado. Eu? Com meus oito anos, continuava com tudo muito magro. As pernas eram compridas e os joelhos muito grandes. Havia muito osso para pouca carne e idade insuficiente. Chegou o domingo, e os pretendentes a alguma coisa decidiram fazer um piquenique. Fomos a um local chamado Carreteiro, onde passa um rio com água limpa e muito fria. Falei “fomos” porque fui obrigada a ir junto, com meu irmão, sua pretendente, minha irmã, com o dela, e alguns amigos e amigas creio que, todos pretendentes. Depois do banho gelado, foi feito um churrasquinho, e uma sensação de estar sobrando começou a tomar conta. Toda vez que chegava perto, mandavam-me fazer alguma coisa. Saía chutando seixos. Era muito chato, e durou o suficiente até encontrar um “amigo”: um garrafão de vinho. Sentei sobre uma pedra e tomei um pouco e mais um pouco até que aquela sensação de leveza e de também fazer parte do mundo começou a tomar conta. Já não mais me sentia sobrando, fazia parte do bando. Mais um pouco de vinho certamente não faria mal. Veio aquele soninho e fui escorregando pedra abaixo. Dormi! Encontraram-me torrando ao sol, deitada no chão com as pernas erguidas sobre a pedra. A primeira sensação ao acordar foi que uma bigorna se encontrava sobre minha cabeça, e a segunda já era bem conhecida. O estômago avisava mandando aquela maldita aguinha, que sempre acaba em jatos azedos e malcheirosos.



Até hoje não entendo qual a conexão que ocorre quando as pessoas bocejam, contagiando outros. O mesmo ocorre com o vômito. Basta alguém começar, logo uns quantos tentam fazer o mesmo. Chegam ao cúmulo de fazer tanta arcada que começa a sair lágrima, escorrer nariz, tipo, eu também sou solidário, vamos vomitar juntos? Acabaram me levando para uma casa próxima, e uma senhora muito gentil preparou um café. Assim também passava um pouco o efeito do vinho, pois havia um caminho de volta a ser feito. Se estando bem a coisa já era complicada devido à cinetose, imaginem sob efeito do álcool. Além da tontura, o rosto ardia muito, pois havia dormido uma hora mais ou menos ao sol. No outro dia, além de uma brutal dor de cabeça, a boca estava bastante inchada, como o nariz e as orelhas. Fiquei com a pele dura e ressecada, que, com o passar dos dias, saiu inteira.



# CAPÍTULO 31

## O dono da “pelada”

**E**m frente à casa onde morávamos, como já havia mencionado, tinha um campinho de futebol. Durante o dia, depois da aula, o divertimento era jogar uma boa “pelada”. O dono da bola era o dono do jogo. Ele determinava a brincadeira que iria acontecer. Normalmente quem fazia dez golos antes vencia, porém, se o time dele estivesse perdendo, a brincadeira encerrava mais cedo.

Nós, meninas, não tínhamos muitas opções: ou éramos goleiras ou espectadoras. Havia um porém: quando você era a dona da bola, até ponteira virava.

À noite ocorria a mágica. Como não havia luz nas ruas, o céu era de uma luminosidade ímpar. Víamos o Cruzeiro do Sul, as Três Marias e outras tantas constelações. Gostávamos de contar estrelas, porém alguém falou que quanto mais nós contássemos mais verrugas teríamos. Assim, a contagem deixou de ser feita.

Outro momento lúdico tinha início. Dezenas de vagalumes voavam e nós saíamos atrás, até encher um copo ou vidro. Pronto! Lá estávamos nós com lanterninhas iluminadas.

A varanda da casa era alta, com acesso pela escada, só utilizada pelos adultos. Para nós, dispensável, pois o trajeto era feito via pé de pessegueiro. Um galho dessa árvore dava na altura da mureta e o usávamos como ponte. Vínhamos correndo, pulávamos nele e descíamos pelo outro, que já levava até a rua. Nem sempre dava certo, e alguns tombos aconteciam. Porém, bastava ouvir o barulho da bola, a razão deixava de existir e o símio atávico estava de volta.



Os vizinhos marcaram presença constante no coração, como a tia Zica, que fazia um pão de fermento de batata e assado em forno à lenha. A memória consegue degustá-lo até hoje. Para fazer o fermento é fácil. Descascam-se e ralam-se três batatas inglesas médias. Em seguida, coloca-se dentro de um pote de vidro, com capacidade para um litro. Acrescentam-se três colheres de sopa bem cheias de açúcar e uma rasa de sal e mais uma colher de fermento comum. Para finalizar, coloca-se meio litro de água a 38 °C, mistura-se bem. Deixa-se fermentando, sem fechar o vidro, em um local morno, até a batata subir. Esse procedimento dura de 18 a 24 horas. Quando for utilizado, mexer bem e deixar em torno de duzentos ml no vidro, para dar reinício a nova fermentação. Dessa vez não sendo necessário colocar o industrializado junto, somente repete a operação. Os filhos da tia Zica eram nossos companheiros em muitas brincadeiras. Lembro principalmente da Ivone e do Sérgio.

Na sequência, morava a família Faedo. (Já citei a Marília). Eles tinham uma funilaria, para nós, “ferraria”, onde se fazia qualquer tipo de artefato. Lembro-me do ferro em brasa sendo rapidamente passado na água, e, com uma marreta de mão, o objeto ia criando forma. Era mágico e ficávamos horas olhando e ouvindo as marteladas, as fagulhas voando e novamente o ferro indo para o fogo. O processo se repetia até o objeto estar pronto.

O Senhor José Faedo era o subprefeito, e em sua casa havia a central telefônica. Para falar com alguém, era necessário ligar para Tapejara, que, por sua vez, ligava para Passo Fundo e finalmente a solicitação era feita e o alô tão esperado vinha cheio de chiados e ruídos.

Depois da subprefeitura havia uma ponte e o riacho onde gostávamos de pescar. Logo após o rio, morava a família Felizari da qual comprávamos o leite. Seguindo em frente, numa estrada-nha que praticamente só se passava de trator, morava a família Moro: a mãe, tia Nair, o pai, tio João, três meninas e um menino: Leila e Lurdes, que vieram a se tornar minhas grandes amigas,



(a música “Amigo é coisa prá se guardar do lado esquerdo do peito”, de Milton Nascimento, foi feita sob medida para elas). Ângela e Moisés, completavam a família. Para chegar até a casa, passávamos pelo “matinho”, onde sempre nos empanturrávamos de pitanga, sete capote, guamirim e ariticum.

Minha amiga Leila sofria de epilepsia. Dizia que, antes das crises, sentia cheiros desagradáveis. Quando essas sensações surgiam, a família sabia o que deveria ser feito. A Lurdes tinha problemas ao caminhar, claudicava devido a uma paralisia infantil. Numa tarde, estávamos indo tomar mate de leite e resolvemos encurtar caminho pelo trigal do vizinho. No meio do caminho começamos a ouvir latidos de cachorros, que começaram a ficar ameaçadoramente perto. Assim, cada uma enganchou a Lurdes por um braço e, suspensa no ar foi praticamente arrastada. Mal conseguia dar o passo com a perna maior, foi quando a Leila falou que estava começando a sentir o cheiro ruim. Lembro-me de termos olhado para ela e implorado, “agora não! Por favor”. Continuamos até atingir a cerca e rolar por baixo desta e nos afastar do perigo. Continuamos ofegantes até o portão da casa dos tios. Assim que entramos, veio a crise. Ouvimos o barulho da queda, e a amiga em convulsão no chão. Gritamos por socorro! Arrastamos a amiga para dentro de casa na espera da crise passar. Depois disso, passava horas dormindo, até tudo voltar ao normal.

A confusão com o trator igualmente rendeu boas risadas, principalmente do tio João. Estávamos no fundo da propriedade, onde existia um rio que era propício ao banho. Quando voltamos, encontramos o trator com a chave na ignição. Sentamos nele, e aquela chave não parava de convidar para que a girássemos. A vontade mais forte fez a mão ir lá e girá-la. Nossa sorte é que o trator estava em ponto morto. Não sei se tem isso, mas ficou parado e roncando muito. O pior é que não conseguíamos desligá-lo. Assim, tivemos que ir correndo até a vila chamar o tio para que fosse desligá-lo. Depois de muitos “porcos” e outras blasfêmias, veio o largo sorriso, que em seguida virou gargalhada generalizada.



# CAPÍTULO 32

## O peixe no leite

Todas as tardes havia uma obrigação a ser feita: buscar o leite no senhor Selvino Felizari. Tinha que atravessar a ponte, esperar encher dois litros e o caminho de volta era retomado. Mas, antes de chegar em casa, sempre tinha que tomar um pouco daquele leite morninho e, como havia o rio perto, era só descer e colocar um pouco de água. Ninguém iria notar. Porém, numa dessas colocadas de água, foi junto um peixe pequeno chamado lambari. Minha mãe, ao derramar o leite na leiteira, percebeu que algo havia saído junto e vindo imediatamente à tona, boiando. Posso afirmar que rendeu muita história até descobrirem que não era o leiteiro quem colocara água do rio para aumentar o volume do leite. O pobre ficou mal falado durante umas boas semanas, e a venda do leite deve ter despencado até tudo ser esclarecido. Por razões óbvias, fiquei uns tempos sem poder buscar o leite, pois tinha um medo muito grande do leiteiro. Sonhava inúmeras noites que ele estava entrando em meu quarto, com a gadanha da morte nas mãos, e o alvo, sem dúvida, era o meu peçoço. Acordava tão suada que havia dúvida se realmente era suor.

Na hora costumeira, sempre havia uma desculpa até que minha mãe entendeu. Explicações se fizeram necessárias e tive de ir pedir desculpas. Assim voltou a rotina, até ser interrompida pela grande nevasca que ocorreu em 1965. Começou a fazer muito frio e uma chuvinha contínua caía. Fomos deitar, e quando amanheceu, ouvi minha irmã gritando: “Neve! Está nevando!” Pulei da cama, abri as venezianas do quarto e qual foi a



surpresa! Havia neve até a altura da janela, que devia ter 1m e 30 cm. Foi um alvoroço!

Os homens fizeram umas ferramentas compridas, parecidas com enxadas gigantes, para tirar a neve que se acumulava sobre as casas. Todos ficaram preocupados com a possibilidade de os telhados ruírem devido ao peso da neve.

Não havia aula. Isso era bom! Também não havia leite. Isso era muito ruim! Então, não aguentando mais a vontade de tomar leite, sem minha mãe saber, empreitei-me na aventura de ir buscá-lo. Calcei botas de borracha e fui determinada. As pernas afundavam de tal maneira que havia dificuldades no caminhar. Cheguei ao meu destino, pequei o leite e voltei. Ao chegar em casa, não sentia mais os pés nem pernas, e, o frio era tão grande que não conseguia parar de tremer. Minha mãe encheu uma banheira, de latão, com água morna e me colocou dentro, atrás do fogão a lenha. Fiquei uma meia hora, com a mãe trocando a água, até conseguir me aquecer e sumir a sensação de formigamento.

Nas casas não havia lareiras, mas, fogão à lenha, que servia para muitas coisas e uma delas era a união da família. Onde tinha um, havia ao seu redor pessoas sentadas, tomando chimarrão e conversando. A noite criava-se um ritual. Todos chegavam, tomavam o seu banho e então a sessão de colocar o assunto em dia era feita em torno do fogão. Além de aquecer a casa e a comida, ele contribuía para o relacionamento das pessoas.

Foi também ao redor do fogão que comi as primeiras alcachofras. Eram cozidas em água salgada e depois tirávamos as pétalas e mordíamos, segurando com os dentes a parte macia. O resto era puxado para fora e eliminado.

O pinhão na chapa, que deixava os dedos pretos, é outra lembrança que faz brotar água na boca.

Como em todos os lugares, Água Santa tinha o seu lado obscuro. Há pouco tempo, lendo um dos livros de Josué Guimarães, chamado *Tambores silenciosos*, na parte em que ele fala das fofoqueiras que, de tanto cuidarem da vida alheia, chegavam a





deixar a marca dos cotovelos nas janelas, fiz uma volta a nossa pacata vila.

Casos contados, dos quais a própria pessoa não sabia que havia participado, ou que tinha estado em tal lugar; pior ainda: arrumavam namorados e namoradas que não haviam existido. Isso era apenas um porém, pois a vida era tão boa que não se dava muita importância aos fatos.



## CAPÍTULO 33

### A chave mágica – fiat lux

Finalmente nossa casa ficou pronta. Ficava em frente à fábrica de erva-mate. Ao lado direito, morava o Senhor Hélio Nyland, que era o gerente. Sua esposa chamava-se Celina, e tinha uma filha, Márcia. Mais tarde teriam um menino com o nome de Marco. A casa deles ficava na esquina; na sequência morava mais uma família que havia vindo junto para trabalhar na ervateira, o senhor Beno e sua esposa Dulse. À esquerda tínhamos como vizinhos o Frederico (Frits), irmão do Hélio, e sua esposa Ilse. Assim, as famílias formaram um gueto, onde todos os pátios se comunicavam.

Lembram-se da família do Sr. Armando? Também nos acompanhou na aventura. Moravam ao lado da ervateira.

Havia necessidades básicas a serem supridas, e uma delas era água. Então, veio um homem, que acreditávamos ser um bruxo, pois ele pegou uma forquilha, colocou-a entre os braços, reta, com se fosse um “y” e a perna deste ficou voltada para a sua barriga. Andou para lá e para cá, sempre acompanhado por nós. De repente, ordenou: “cavem aqui! Vão encontrar água”. Olhamos espantados para a forquilha, que havia vergado a ponta. Olhamos para as mãos do “bruxo”, que continuavam segurando-a, sem ter mudado a posição. Os homens começaram a cavar e em seguida apareceu a água. Assim, foi construído o poço com uma bomba manual. Havia uma alavanca que precisava ser erguida e baixada, centenas de vezes, para encher a caixa d’água e assim ser distribuída para as casas. É claro que uma das nossas tarefas era enchê-la todos os dias, o que era feito com muitas brincadeiras, “brigadeiras” e canções infantis.



Logo que mudamos para a nossa casa, as ruas começaram a ser calçadas. Houve toda uma preparação. Bueiros começaram a ser colocados, montes de pedras foram empilhadas e homens trabalhavam sem parar. Essa novidade nos trouxe outra brincadeira, que rendeu muito banho e muita adrenalina: a passagem por dentro dos bueiros em dia de chuva. A farra iniciava quando o céu era coberto por nuvens negras, anunciando que muita água viria. Então, preparávamos as tábuas e esperávamos as valetas da rua encherem e virarem verdadeiros córregos. Entrávamos nelas, deitávamos sobre as tábuas e lá íamos. Tínhamos que cuidar com a cabeça, que passava raspando ao entrar na tubulação. Lá dentro dava para tentar fazer algumas manobras radicais, como uma espécie de “tubo”, na linguagem dos surfistas. Não dava para respirar, muito menos abrir os olhos, pois a água vinha com tanta argila que chegava a machucar. Sabíamos que estávamos do lado de fora pela claridade. Esse trajeto era repetido inúmeras vezes até cansar. Então, vinha o problema do cabelo, da roupa, das orelhas, enfim, tudo onde a lama se depositava. Ficávamos parecidos com os índios quando usam urucum. Depois, sim, o banho verdadeiro se fazia necessário, para tentar deixar o cabelo loiro novamente, ou quase.

Finalmente em três de agosto de 1968, às 17h 30min, a luz elétrica chegou a Água Santa. Fomos convocados pela irmã Beatriz a nos fazer presentes na praça, com os nossos melhores uniformes: camisa branca, saia ou calça azul, meias três quartos, sapato preto.

O local estava cheio de autoridades, e nós perfilados em frente a um transformador. Em volta, muitas lâmpadas incandescentes, pois ali havia sido construído um palco. Começaram a chegar caminhões do Exército e, atrás, um carro preto com duas bandeirinhas nas laterais, uma do Brasil e outra do Rio Grande do Sul. Lembro que desceu um senhor grisalho e todos os militares presentes bateram continência. Então, o prefeito de Tapejara Senhor José Maria Vigo da Silveira, anunciou: “Hoje é um dia



memorável para este distrito, recebemos com muito orgulho o governador do estado do Rio Grande do Sul, o senhor Valter Perachi de Barcelos”. Cantamos o Hino Nacional. Logo depois do discurso do governador, este levantou uma alavanca e a mágica se fez, “Fiat lux”. Finalmente a nossa vila tinha luz.

Outra peregrinação teve início, ou seja, a colocação de uma retransmissora, para que pudéssemos assistir a TV. Meu pai, apaixonado por futebol, queria ver os jogos, mesmo que fosse em *play Bach*. Com o auxílio do tio Arnaldo, que era técnico em eletrônica, eles subiram no ponto mais alto, o morro do Nono Davide, e com um aparelho mediram as ondas de transmissão, percebendo que ali havia sinal. A próxima aquisição deveria ser a antena retransmissora. A movimentação tinha um propósito: estava perto a Copa do Mundo de 1970

Passo Fundo, na loja JH Santos, foi o destino para comprar a televisão. Era uma Colorado RQ. As tentativas para enxergar alguma imagem naquela tela foram incontáveis. Muitas vezes havia tanto “chuvisco” que mal se enxergava algo. Então, alguém ia para fora e torcia a antena, e a orientação continuava, aos berros: “vira mais um pouco para a direita, agora para a esquerda, assim, passou”! Começava tudo novamente, até ver algum espectro naquela tela.

Veio a Copa. Primeiramente era transmitida pelo rádio, depois passava em *play bach* na TV. O final Brasil contra Itália, e com a nossa vitória, foi uma festa. Enfim, Água Santa já tinha sua retransmissora.



## CAPÍTULO 34

### Nespereira, o nicho das carpideiras

Árvores, sempre elas. Prazer em escalá-las, aninhar-se como pássaros entre suas folhas, fazer da sua seiva e de suas raízes parte do meu ser, como se fosse o meu sangue! A primeira coisa que chamou minha atenção na nova casa foi o imenso pé de nêsporas, bem ao lado da varanda dos fundos. Com suas muitas folhas, que não paravam de acenar, o convite foi feito. Empoleirados e com a sua proteção, muitas traquina-gens foram feitas.

Na época, quando morria alguém, o hábito era, em cortejo e a pé, levar o ser ao cemitério. Esperávamos as pessoas saírem da igreja e subíamos na nespereira. Quando passavam na rua em frente, começávamos uma ladainha alta, a rezar e “chorar”. As pessoas faziam o sinal da cruz e olhavam para descobrir de onde vinha aquilo. A coisa durou um bom tempo, até que um dia uma pessoa, num ímpeto de indignação, saiu do cortejo e caminhou em direção à árvore. Absolutamente quietos ficamos para não sermos vistos. Porém, aquela pessoa não parou ali. Passou e foi em direção à casa de meus pais. E o pior: o cortejo parou! As pessoas que levavam o caixão depositaram-no no chão por alguns minutos. A minha amiga cochichou: “os que estavam levando o ‘peso’ gostaram, deram um tempo para descansar os braços”. Todas as pessoas continuavam olhando para a árvore. Ai, meu Deus! Aporcaria estava feita. Lembro-me da minha mãe não sair mais debaixo daquela árvore. Quando descemos, assim que a mão alcançou a primeira nádega, veio com todo peso de



uma mãe muito braba. Assim, as carpideiras de Água Santa, com medo que algo pior lhes acontecesse, se despediram.

Outra história divertida da mesma árvore foi numa tarde, não lembro o porquê de a minha irmã me dar um tabefe, o que não era incomum. Como era mais velha, eu sabia que, por qualquer coisa, levaria outro. Deveria armar uma estratégia para a vingança. O jeito era esperar por uma oportunidade e esta não demorou a se fazer presente. Minha vizinha e amiga, Márcia, veio em meu socorro e, como sempre, depois de muitos lamentos, subimos na árvore. Ficamos um bom tempo até que vimos minha irmã saindo de casa. Adivinhem onde ela sentou? Embaixo da árvore. Absolutamente quietas, ficamos analisando o bordado que estava sendo feito até que veio a sugestão da minha amiga: “vamos fazer xixi na cabeça dela?” E por que não? Naquela altura, as consequências do ato não eram avaliadas, mas o prazer era tão grande que tudo valia a pena. Então, a coisa aconteceu. Bem, o desfecho não precisa ser contado.

Houve outro momento muito parecido, no dia em que minha amiga decidiu vingar-se da mãe fazendo xixi na calçada. Esta era uma pessoa que gostava de tudo muito limpo, e as calçadas de Água Santa só não eram enceradas. Deveria ter um concurso: “A Calçada Mais Limpa da Cidade”. Só assim teria lógica para tanta esfregação. As dela, com certeza, seriam as vencedoras! A Márcia veio, acabrunhada, com uma história de que não me lembro bem, mas sei que estava reclamando muito da sua mãe. Então, veio a ideia da vingança, fazer xixi na calçada. O ato teve início. Ela estava de costas para a entrada da casa, naturalmente eu estava na sua frente e vi a dona Celina vindo em nossa direção, fazendo sinal com o dedo na boca, para eu ficar quieta. Pega no ato! Foi erguida pela roupa, a mão da mãe batendo na bunda branca, pelada. Saltei para trás, pois, além do susto, parar de fazer xixi à força é quase impossível. Imaginem a cena: ser suspensa, sendo sacudida, levando palmada e o líquido jorrando para todo lado.



## CAPÍTULO 35

### A catapulta e a bomba voadora

**H**avia um menino de quem não gostávamos. Sempre que passava por nós, tentava levantar nossas saias. Provi-dências urgentes deveriam ser tomadas contra aquele bocó. Depois de muitos planos descartados, o da catapulta começou a retornar com frequência à imaginação, e a vingança começou a tomar forma, e é claro, foi posta em ação.

Havia uma cerca viva alta, que separava um dos pátios frequentados, e podíamos ouvi-lo brincar com seu irmão menor. Então, colocamos uma tábua sobre uma pedra e na ponta da madeira, um pedaço de tijolo relativamente grande. A primeira tentativa não deu certo. O óbito, por muito pouco, foi nosso. Descobrimos que a base deveria ser mais alta e a tábua maior, caso contrário, o artefato mortal faria uma trajetória muito baixa, e, em vez de ganhar altura e velocidade, acertaria quem estivesse à sua frente. Depois de tudo pronto, nova tentativa. Objeto colocado no lugar certo, novo pulo, dessa vez a pedra fez a trajetória correta e, por incrível que possa parecer, acertamos na mosca, quer dizer nas costas do “bocó”. Ouvimos um som meio abafado e em seguida a gritaria, que era a deixa para cairmos fora dali. Sabíamos que em seguida alguém seria crucificado, e o importante era imediatamente desfazer a prova do crime. Não deu certo! Minha amiga falou que provavelmente havíamos matado o anjo da guarda dele e que, se tentássemos de alguma outra forma, dessa vez seria mais fácil, pois estaria sem proteção.

Novos planejamentos entraram em ação. Entramos no galpão de casa e achamos o que estávamos procurando! Uma bomba para matar formigas! Era o ideal. Teríamos que esperar



o momento certo, que não tardou. Brincávamos em um balanço, quando o ser apareceu, e qual foi a primeira coisa que tentou fazer? No vai e vem do balanço, tentava puxar nossos vestidos. Bastou uma olhada e sabíamos o que deveria ser feito. Falamos que tínhamos uma máquina que fazia voar. A curiosidade foi imediata, a ação também. Fomos ao galpão e pegamos a “máquina voadora”. Pedimos para que botasse o cano na boca, por onde saía o veneno. Começamos a bombear, ele aguardava ansioso o ar que iria inflá-lo. As perguntas eram feitas: “tudo bem? Está sentindo se já pode voar”? A negativa com a cabeça e o pedido, através de gestos, para que intensificássemos nossa ação nos fizeram cansar. Desistimos e ele foi para casa. De tempos em tempos, íamos perguntar para sua mãe como estava o “bocó”? Até o momento em que a pergunta feita, devido ao olhar indagativo, serviu de alerta, de que, se alguma coisa ocorresse, seríamos as primeiras indiciadas.

Graças ao pai, Evaldo, que era de extremo cuidado com venenos e Cia, nada aconteceu ao nosso “amigo”, a não ser uma brutal diarreia.





# CAPÍTULO 36

## A corrida com os carrinhos de bebê

Assim o tempo foi passando e novos integrantes fizeram parte de nossas brincadeiras, eram eles: Vera Moro, Maristela Benvegnú e é claro os filhos do Sr. Armando.

Como a fábrica de Boa Esperança, a ervateira Rech também tinha os fornos de secagem da erva-mate, que chegava recém-cortada das árvores e passava pelo processo de sapecagem rápida, que é o túnel de fogo alto, para a primeira desidratação. Aliás, esse túnel também virou brincadeira. Na época da entressafra, nós entrávamos nele e manualmente o tocávamos, mas não podíamos subir pelas laterais, senão o tombo era certo e doloroso. Era uma correria para sair ileso do outro lado. Voltando à erva-mate, ela caía dentro de carrinhos, que, depois de cheios, eram carregados até os fornos para o processo final de desidratação.

Um corredor imenso dava acesso a cinco fornos. Então, numa entressafra, estávamos passeando dentro da fábrica empurrando dois carrinhos com bebês dentro. Um era o filho mais novo do senhor Beno e o outro, o irmão menor do Nenê, filho do senhor Armando e da dona Nena.

Não lembro quem deu a sugestão, mas na hora pareceu muito boa: corrida de carrinhos com os bebês. Posicionamo-nos e a largada foi dada. Eu empurrava um carrinho, e a Ione, o do seu irmão. Foi uma coisa muito doida. Além de não conseguirmos manter uma linha reta, o meu carrinho, quer dizer o do filho do senhor Beno, entrou em uma fresta e de súbito travou. Como algumas leis da física são imutáveis, principalmente o *princípio da*



*inércia*, a minha velocidade continuou, pois um corpo em movimento e em trajetória linear e aceleração constante não consegue parar de imediato. Assim, literalmente voei por sobre o carrinho e o joelho, que entrou em uma fresta, serviu de freio, fazendo a velocidade, aos poucos, diminuir. No momento, nada senti. Minha preocupação era com a criaturinha que eu levava, pois a choradeira era muito grande e começou a juntar todos os tipos de mãos, inclusive a do meu conduzido e a minha. Foi então que, percebendo que não havia acontecido nada ao pequenino, notei que todos olhavam para a minha perna. Senti uma coisa morna escorrendo do joelho. Pronto! Aí estava eu, com o joelho aberto até o osso, do mesmo jeito como havia ficado meu pé, cortado pelo machado, em Boa Esperança. Mais uma cicatriz que não me deixa esquecer das traquinagens infantis.



# CAPÍTULO 37

## Titi, berico, dodí

**H**avia a família Agnoletto que cuidava da serraria pertencente a Teodoro Rech. Íamos diversas vezes até lá, para ver uma máquina a vapor que fazia as engrenagens funcionarem. Não sei o porquê, mas começamos a implicar com os três filhos. Naquela época já havia *bullying*. Nós apelidamos o trio de Titi, Berico e Dódi e fizemos uma música que, provocativamente, cantávamos: Titi, Birico, Dódi, pega a faca e mata o bode. Esse animal sequer existia em Água Santa, mas a ladainha os deixava muito irritados, pois era berrada a plenos pulmões de cima da nespereira. Os insultados arremessavam pedras contra a árvore, línguas eram mostradas. Enfim, do outro lado, tudo que era tipo de provocação, também ocorria e com toda razão. No entanto, mais tarde, acabamos sendo amigos.

Tem uma passagem com os três que foi muito divertida. O Alberi, nome verdadeiro do Berico, juntamente com as irmãs, foi colher milho. Convidaram-me para ir junto na carroça. Adorava andar nela. A parelha de bois nunca havia ido para a canga. Era a primeira vez e precisavam ser domesticados. Foi uma aventura e tanto! Primeiro não obedeciam às ordens e iam para onde bem entendessem. No trajeto, tínhamos que atravessar uma ponte, e os bois, ao invés de irem por cima, decidiram ir por dentro do rio. Ali, havia muitas pedras e o balançar era tanto que quase fomos arremessados para fora. Conseguimos, depois de muita briga com os bois, chegar ao destino. Enchida a carroça com capim-elefante, parecido com as folhas da cana-de-açúcar, começamos a voltar. Sentei na parte de trás, sobre o capim. Tudo pronto, o comando foi dado com um grito e uma sacudida nas rédeas.



Os bois arrancaram numa corrida desenfreada. Sentada na parte traseira, pulava tanto que comecei a escorregar tentando me agarrar no que pudesse, para não cair da carroça. Havia uma cesta cheia de milho e foi ali que tentei me salvar. Não deu certo. Caí para fora com o cesto de milho por cima. Foi um esparramo, e o pior: enxergava a carroça desgovernada se afastando cada vez mais, e o Berico na briga, tentando fazer com que os bois parassem. Na lateral da carroça, há uma manivela, que, se fechada, trava as rodas e estas não giram mais. Então, as rodas foram deixando um rasto liso, até os bois pararem, na marra. Voltaram para juntar o milho e o capim-elefante e, dessa vista, fui colocada na parte da frente. Chegamos à vila ao escurecer.



## CAPÍTULO 38

### O primeiro sutiã, impossível esquecer

A vida foi completando os seus ciclos, e a adolescência começou a reclamar sua vez. Com ela veio o primeiro sutiã. Inesquecível! Apertado e a impressão é que com ele também se fora uma parte da liberdade.

O primeiro sutiã realmente ninguém esquece, e, principalmente, em se falando do modelo usado na época. Era algo totalmente antifisiológico. O formato do bojo era tão pontudo e duro que não havia como não perceber que estávamos usando sutiã. A reação era comum, cruzar os braços para escondê-lo. Quando apertados, os bicos do dito cujo invertiam e acabávamos com dois furos côncavos na frente. Então, virávamos aves-truzes. Enfiávamos a cabeça quase no meio das pernas, para que ninguém visse e ajeitávamos a ponta. Assim, lá estava ele novamente, quase furando a blusa. Isso rendia situações engraçadas. Numa determinada ocasião, saindo de uma sorveteria, passou um moleque correndo. Além de arrancar a bola de sorvete, para a qual minha amiga já estava com a língua esticada a fim de dar a primeira lambida, ainda empurrou o bico do sutiã para dentro. Como estávamos na rua, não sabíamos o que fazer. Assim, dedos rápidos fizeram novamente o sutiã “pular” para o seu formato original e muitas risadas, inclusive nossas, aconteceram. Lembro até hoje da expressão de desalento. Primeiramente, pela falta do sorvete e depois, pelo rosto vermelho de vergonha e indignação com aquele disparate de estar com o sutiã com um bico e outro não. As pessoas que nos conheciam, no primeiro encontro pós-



-sutiã, notavam, é claro, que houvera uma mudança na nossa silhueta. Os olhares iam direto para lá. Era, ao menos, a impressão que tínhamos, e o comentário sempre repetia-se: “Nossa! Está ficando mocinha!” Era uma chateação.

Analisando a questão e o ponto de vista de uma amiga mais experiente, chamada Denise, que dizia ser o sutiã a primeira amarra da mulher. Muitas outras viriam, com o sutiã nos acostumaríamos, com outras também, creio que já conseguimos derrubar preconceitos e que estamos prontas para muito mais.



## CAPÍTULO 39

### “Para não dizer que não falei de flores”

Chegou a vez de a música popular brasileira invadir nossas vidas com toda a intensidade, bem como a ditadura. Vieram os festivais da TV Record, com Jair Rodrigues cantando “Disparada”. Sérgio Ricardo, num ímpeto de fúria, quebrava o violão e arremessava-o para o público. Geraldo Vandré, que criou uma das músicas que virou ícone do nosso tempo, “Para não dizer que não falei de flores”. Chico Buarque e “A banda”. O grupo Os Novos Baianos, com um visual que se repetia num papo-cabeça, sem cabeça, e que logo todos nós estávamos imitando. Calça boca de sino, lenço na cabeça. Muitos colares e anéis. O cigarro não podia faltar. Fazia parte do “visu”.

Veio também a Jovem Guarda, para o delírio dos fãs, com Roberto Carlos, Erasmo Carlos, Vanderléia, entre outros. A música italiana também fazia parte ativa do nosso repertório, com Sérgio Endrigo, Pepino de Capri, Rita Pavone, dentre muitos. Lembro-me do meu irmão comentando sobre Luigi Tenco, cantor italiano, que havia feito sua música para uma mulher que amava muito e que, depois de não classificar a música no Festival de São Remo, cometeu suicídio. A canção se chamava “Ciao Amore Ciao”.

Nessa época, começamos a ir a Tapejara para cursar o ginásio. Todo dia, pela manhã, saíamos em 12 alunos e íamos de Kombi. Como faltava espaço, dois sentavam no bagageiro, com um revezamento organizado. Por não haver pavimentação, can-



sávamos de ficar na estrada em atoleiros. Numa das vezes, a Kombi ficou acavalada e as rodas traseiras ficaram suspensas. Nos trilhos, havia lama para todos os lados. Todos botavam as mãos na massa para empurrar. Os meninos, nesse dia, notando as rodas suspensas, ficaram na lateral e nós, meninas, fomos na parte traseira empurrar. Lembro-me do motorista acelerando e as rodas girando. Veio uma enxurrada de lama jogada pelos pneus. Só deu tempo de fechar os olhos e a boca. Olhamo-nos, não havia mais camisa branca, saia azul e meias brancas três quartos. Era o nosso uniforme. Tive que passar os dedos nos olhos para poder abri-los. Estávamos todos marrons, da cabeça aos pés. Começamos a rir. Os meninos estavam mais ou menos limpos e a bagunça começou. Quem atirou a primeira bola de lama ninguém sabe. No fim, estávamos tão enlameados, que o motorista da Kombi nos fez passar grama pelo corpo, para termos condições civilizadas de sentar e retornar para casa. Em decorrência, conhecemos a primeira máscara de lama. Conforme ela ia secando, o rosto ia se tornando sem expressão. Ninguém ria, nem falava e não ousávamos olhar para o rosto do outro, pois a vontade de rir era muito grande. Assim, ouvimos a primeira risada sem mudança de fisionomia, e todos aprenderam a rir sem movimentar qualquer músculo da face. A risada lembrava alguém que nunca havia gargalhado. Parecia que estávamos aprendendo a rir e, aos poucos, todos estavam fazendo aquele tipo de som. Isso durou até chegarmos a Água Santa com o, abdômen dolorido de tanto rir e um filete de lágrima havia bravamente aberto um sulco na lama da face.

Noutra ocasião, quase aconteceu uma tragédia com cigarro. As campanhas antitumo praticamente não existiam. Assim, todos fumavam, como um atestado para dizer que você não era mais criança, que a adolescência havia chegado.

Estava com um casaco de veludo, novinho, sentada ao lado do meu colega, quando comecei a sentir muito calor na lateral. Olhei e percebi que já havia um buraco imenso, do qual saía uma





fumacinha. Foi um salta para fora da Kombi e todo mundo tentando me ajudar a tirar o casaco. Tudo acabava sempre em muita risada. O problema era explicar em casa o ocorrido.

Morar numa cidade pequena é muito legal. Todos se conhecem e se forma uma amizade quase visceral, que jamais é esquecida. Também ocorriam outros interesses. Os meninos começaram a ficar interessantes e tinha um em especial que me deixava uma sensação de gelo no estômago, o coração acelerava e o calor no rosto era perturbador. Por isso, todos falavam que sentiam amor no coração. Comigo era diferente. Cheguei à conclusão de que eu era uma criatura anormal, pois o meu iniciava no estômago, aquele frio na barriga e depois a vontade de brincar com a comida no prato e a cabeça voando em direção àquele ser. Percebendo a situação, alguém tossia ou falava e quase morríamos de susto. Então, a irmã, ligada, olhava com ar divertido e fazia-me comer, mesmo sem vontade. Mas vá lá, era hora de ninguém saber.

Decidimos fazer um jantar. Quem sabe, poderia haver uma forma de aproximação, ou de se fazer notar. Espelho, espelho meu... Apossei-me dele umas duas horas antes. *Bobs* no cabelo, base, batom, *blush* e tudo mais que era necessário. Após muitos arranjos e produções, achei que estava legal. A Leila chegou como havíamos combinado e fomos para o tal jantar. Anda daqui, olha dali e nada de o ser mostrar interesse. Como mágica, mais uma vez apareceu o vinho. Sentei entre dois sofás, no chão, sentindo-me a última das pessoas. Ao lado, a Leila tentava me consolar. Depois de algum vinho tomado e de levantar do chão, o mundo realmente girava de uma forma que não mais conseguia acompanhar. Fui para casa como a mais infeliz das adolescentes.

O problema era chegar até a entrada da casa que ficava num plano superior ao da rua. Havia um pequeno barranco e, para chegar ao portão, foi construída uma pontezinha. Minha irmã falava, com muita sabedoria e experiência: “não olha para baixo”. Deveríamos fixar o olho num ponto à frente e seguir. Feito isso, veio a hora de deitar e mais uma coisa deveria ser solucionada.



A cama criara vida própria e girava feito um carrossel. Devo ter gemido tanto até que minha irmã falou para ficar quieta. Lembro de ter falado que estava muito tonta e nauseada. Então, veio um conselho, que considerei muito inteligente. Segundo ela, deveria deitar de barriga para cima, colocar a mão sobre a mesma e um pé deveria ser encostado no chão. Pensei na hora: claro! Assim essa desgraça para de girar, porque o pé vai impedir a cama de continuar esse movimento rotatório. Creio que não deu muito tempo, e veio a golfada, e o pior: era o estômago da minha irmã, que começou a me acompanhar nas arcadas sem ter bebido e começou a falar uma linguagem até então desconhecida. A metade das palavras era proferida junto com a arcada, e o resto era dito com um inspirar profundo. As palavras saíam meio gritadas, meio inaladas. Era algo que realmente nunca havia presenciado. A única coisa que entendi é que, bem ou mal, deveria buscar pano e balde e limpar aquilo. Lembro-me de ter entrado no quarto e, sem querer, sim, porque não havia controle da situação, ajoelhei sobre “aquilo e escorreguei”. Finalmente entendi, olhando para ela, que, se não fizesse a limpeza bem rápido, coisas bem piores poderiam ocorrer. O dia seguinte foi um drama. Até a ressaca passar, e o cérebro ter condições de raciocinar, sem dor, demorou certo tempo.



# CAPÍTULO 40

## A dor da perda

A vida nos testa e, de certa forma, somos forjados pelas circunstâncias nem sempre imagináveis a enfrentar situações terríveis, com tamanha crueza que nos acompanham pelo resto de nossa existência. Se para nós, irmãs, a perda do irmão foi terrível, para nossos pais a inversão natural da vida com a morte do filho foi uma coisa que demorou muito para ser somente assimilada, nunca aceita.

Lembro que estávamos passando por um momento de dificuldades financeiras na fábrica, e minha mãe começou a ensinar corte e costura para um grupo de moças, para poder ajudar no sustento da casa. Estávamos em setembro e era um dia meio frio. Passaram uns quero-queros voando sobre a casa com o seu grito tão conhecido por todos, e minha mãe profetizou: “Algo muito ruim vai acontecer, o canto dos pássaros foi muito triste”. Nesse exato momento, entrou o senhor Hélio e nosso pai, e a notícia mais absurda foi dita: nosso irmão havia falecido. Mas como? Não estava bem? Assim, nos deslocamos para Boa Esperança, onde o corpo estava sendo velado. Na chegada ficamos sabendo do pior: a morte viera da forma mais brutal para um pai e para uma mãe: o suicídio.

A dúvida constante de não terem sido bons o suficiente para o filho. As perguntas? Onde foi? O que não fizemos? Essas dúvidas acompanharam os pais por muito tempo, diria até por toda vida. Outra questão que chocou foi o fato de o enterro não poder ser em “campo santo”. Foi colocado em uma parte erma do cemitério, afastado de todos. Isso realmente não é um ato cristão, pois quem pratica um ato desses, no mínimo, não está no seu



“eu” completo. Aí, a contradição da igreja vem à tona. Como é que uma entidade cristã, que se diz caridosa, pratica um ato desses? Os que ficam são pessoas machucadas o suficiente para não precisar carregar mais esse estigma.

A vida realmente nos reserva grandes surpresas. Muito tempo depois, já casada, conheci uma uruguaia chamada Terezita. Existem pessoas com as quais se tem afinidade e o relacionamento é rápido, pois muitas coisas existem em comum. Com ela, foi assim! Em poucos dias, conheci seu marido, João, e uma filha muito linda chamada Janice.

Para celebrar a amizade, os convidamos para jantar em nossa casa. Começamos a falar sobre tempos passados e busquei um álbum de fotos antigas. Rimos muito dos cabelos, das roupas e, de repente, o João parou e ficou olhando uma foto com muita atenção. Perguntei-lhe o que tanto olhava e apontou para uma foto do meu irmão, indagou-me sobre o que ele era meu. Falei que era meu irmão. Então, um momento de grande emoção aconteceu. O João disse que também havia feito parte da Força Aérea Brasileira e que o Auri, nome do meu irmão, havia sido um de seus melhores amigos durante o quartel. Demorou para darmos continuidade à janta. Assim, muitas vezes comenta-se que na vida nada acontece por acaso e chega-se à conclusão de que um fundo de verdade existe nessa frase.

Passado o tempo, a dor minimiza, e o difícil recomeçar é a fração de segundos que algum fato, uma música, ou mesmo um cheiro, nos tira o chão e novamente traz à tona a dor daquele momento com toda a cruzeza. Porém, o curso da vida deve continuar e nós sabemos, minha irmã e eu, que fomos fundamentais para nossos pais novamente darem um sentido as suas vidas.



# CAPÍTULO 41

## Sentimentos atávicos

Nesse turbilhão de sentimentos, veio o primeiro namorado, e junto, o primeiro beijo. O gosto foi realmente estranho, algo baboso, nervoso, sem jeito. Mas isso ninguém precisa ensinar, é atávico, vem pronto. A vontade de querer mais, o sem jeito foi ficando com muito jeito até que as mãos, como aranhas, ficaram indevidas e tentavam explorar lugares inexploráveis para a moral da época. Como deu para perceber, falar de sexo com nossos pais era algo que não se fazia. Assim, vieram as amigas mais velhas. Lembro que os ensinamentos eram mais ou menos assim: da cintura para cima, principalmente no pescoço e orelha, tudo podia, mas da cintura para baixo, nem pensar. Essa era nossa filosofia.

A quantidade de baba dentro das orelhas às vezes era tão grande que muitos deveriam ser submetidos à audiometrias. Creio também que o tímpano ficava um tanto abaulado. Outra prática que denunciava que a língua havia feito todos os contornos do ouvido e depois parado no lóbulo, e este praticamente engolido ou canibalizado, era o tamanho que ficava em relação ao outro. Colecionávamos, também, rodas roxas no pescoço, que, muitas vezes, nos obrigavam a usar um lenço em pleno verão e aguentar um calor insuportável. Vertia o suor, mas o lenço continuava ali, firme, quente e molhado. Então, no próximo encontro, os “beijos” no pescoço eram proibidos, e as mãos cada vez tinham mais força para empurrar os “sanguessugas”.

Os meninos começaram a ficar abusados e decidimos dar-lhes uma lição.



Num sábado à tarde, reunidos na varanda de minha casa, começamos a brincadeira. A amiga mais velha começou a insinuar que poderíamos ir ao matinho das pitangas e, quem sabe, algumas coisas poderiam rolar. Logo, fomos bombardeadas de perguntas, que tipo de coisa e assim por diante. Nós ficamos quietas enquanto ela estava no comando da situação, e veio o combinado. Eles iriam à frente, nós esperaríamos um tempo e depois, para as “fofoqueiras” de Água Santa não desconfiarem, iríamos atrás. Ficamos sentadas na varanda, em seguida, passou a Kombi com os guris. Abanaram, fizeram gestos de positivo e nós, claro, retribuímos. Da mesma forma como estávamos sentadas, permanecemos tomando chimarrão. Passadas umas duas horas, convenhamos, eles foram persistentes, vimos a Kombi passando de volta. Nossa vontade de rir era muita, porém mantivemos a postura. Ficamos só olhando. Eles, em compensação, sequer nos lançaram uma olhadinha. Passaram tal qual bonecos. Isso rendeu uma ruptura durante um tempo. Depois da lição aprendida, a palavra amizade tomou outro rumo. Havia um em especial, chamado Neuri Cozer, que muito ombro amigo emprestou.

Como na terrinha não havia muito que fazer, o jeito era inventar. Uma delas era achar alguém interessante e fazer apostas, entre três ou quatro, para ver quem “levantava” a figura a ser conquistada. Depois de fisgado, caíamos fora.

Apareceu, então, um deus loiro na cidade de Tapejara. Na noite do carnaval, a figura apareceu em Água Santa. Estratégias foram montadas por todas. A minha se baseou na indiferença. Aquele ser sabia que era bonito e, além do mais, tinha um ego duas vezes o seu tamanho. E a coisa começou a dar certo. Passava por ele fingindo que ali não havia ninguém. Tentou pegar o meu braço diversas vezes, enquanto eu, com a maior pose, olhando de cima do meu sapato de plataforma, com 15 cm, dizendo com o maior desdém possível que parasse de encher o meu saco. Bingo! Não deu outra. No outro dia estávamos almo-



cando, quando alguém bateu à porta. Ao abrir, quase desmaiei! Na minha frente, estava aquela figura, e o pior, ou melhor, perguntando se podia almoçar conosco. Aquela ousadia foi demais. Não havia mais armas para lutar. Então, surgiu outro sentimento que começou a torturar, como nunca havia sentido. Paixão? Sei lá, mas até as orelhas ficavam quentes. Então, fiz a besteira de contar o que aprontávamos para os meninos e houve a revanche. Em outro baile, ligou antes para nossa casa, pedindo que o esperasse na entrada. Qual não foi minha surpresa, ele apareceu com outra. Passou por mim, me cumprimentou e entrou no salão com ela, na minha frente. Os muitos palavrões pensados deixemos de lado. Então, amigo é para essas coisas. O Neuri dançou comigo a noite toda e os amigos, Tânia e Getúlio da Silva, contribuíram me dando a maior moral. Sabia que a indiferença seria novamente o divisor de águas. E assim foi. Aos poucos, a brincadeira dele perdeu a graça e acabou parando na pista, fazendo sinal para ir dançar com ele. Poderia ter morrido de vontade, mas o orgulho ferido era dez vezes o tamanho do meu salto. Depois, em casa, fiquei umas duas horas escutando uma música chamada “San Francisco Nights” e quase morri chorando. Escutávamos muito essa música, e acredito que, num surto psicótico de autopunição, fiquei escutando e lavando a alma de tanto chorar.

Nessa fase, a amiga Denise entrava em ação e fazia ver que chorar por homem não valia a pena. Havia tantos à disposição! Então, tudo começava novamente e, para esquecer um amor, nada melhor do que outro.

Chegou a vez do Galaxie Landau do pai da minha amiga. Era a maior novidade! O primeiro da região! Um senhor carro, ultramoderno, ultracarro e ultragrande. Hoje, ultrabanheira. Porém, na época, quem tinha um, e acho que só o pai dela tinha, era ultrachique. Esperávamos o pai dormir e íamos a Tapejara passear. O impacto era visível devido ao posicionamento das cabeças quando passávamos e o movimento dessas acompanhando a trajetória do carro. Pensando, hoje, não sei se era a curiosidade



ou o vento que o possante deslocava ao passar. Não importava. Fazíamos muito sucesso e o ser, aquele que me deixou plantada na porta do salão, veio e como foi boa a palavra indiferença. Isso me lembra dum ditado que diz que a vingança é um prato que se come frio.

Nova mudança. Novos amigos. Novo endereço. O destino, agora era fazer o segundo grau em Passo Fundo, e assim começou a transição da adolescência para a fase adulta.

Responsabilidades maiores, decisões novas e uma trajetória a ser planejada.

Termino aqui minha história e vou buscar naquela época, sempre que necessário, o lastro para uma nova caminhada.







Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura

Catálogo do Projeto Passo Fundo  
[www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)





Sani Vidal, nome verdadeiro, Rosani Lermenn Vidal, adotou esse nome para voltar à infância onde nasceu, no interior de Cruzeiro do Sul em Boa Esperança.

Como Artista Plástica, participou de várias exposições como a Coletiva Guáira II/85, no mesmo teatro em Curitiba.

A necessidade de “pisar” na infância e reaprender a “caminhar” foi a mola que moveu a autora a escrever o livro Salve-se quem Puder... Os personagens são reais, embora, quem conta um conto aumenta um ponto...

# SALVE-SE QUEM PUDE...

Simplemente sensacional! Este é um livro para ser lido por todas as gerações. Apresenta as vivências de uma turma que se divertia, “aprontando” todas, mas de uma forma inocente. Relata a época em que crianças e adolescentes gastavam as energias com brincadeiras e brigadeiras, como diz sabiamente a autora, mesmo sabendo que sofreriam os devidos castigos. Retrata o tempo em que socorrer-se de psicólogos, era apelar ao Doutor Chinelo ou Doutora Vara, e não se preocupar em trabalhar a autoestima dos revoltados.

O livro emociona, diverte e nos reporta a um período marcante da história, descrevendo-o de uma forma diferente. Enquanto o revisava, confesso que como professora apaixonada e sempre em busca de textos interessantes, selecionei inúmeras passagens, já os imaginando como assunto para minhas aulas de Língua Portuguesa e Literatura.

Professora Nubia Lermen



978-85-8326-048-6



Domínio Público  
Biblioteca digital desenvolvida em software livre